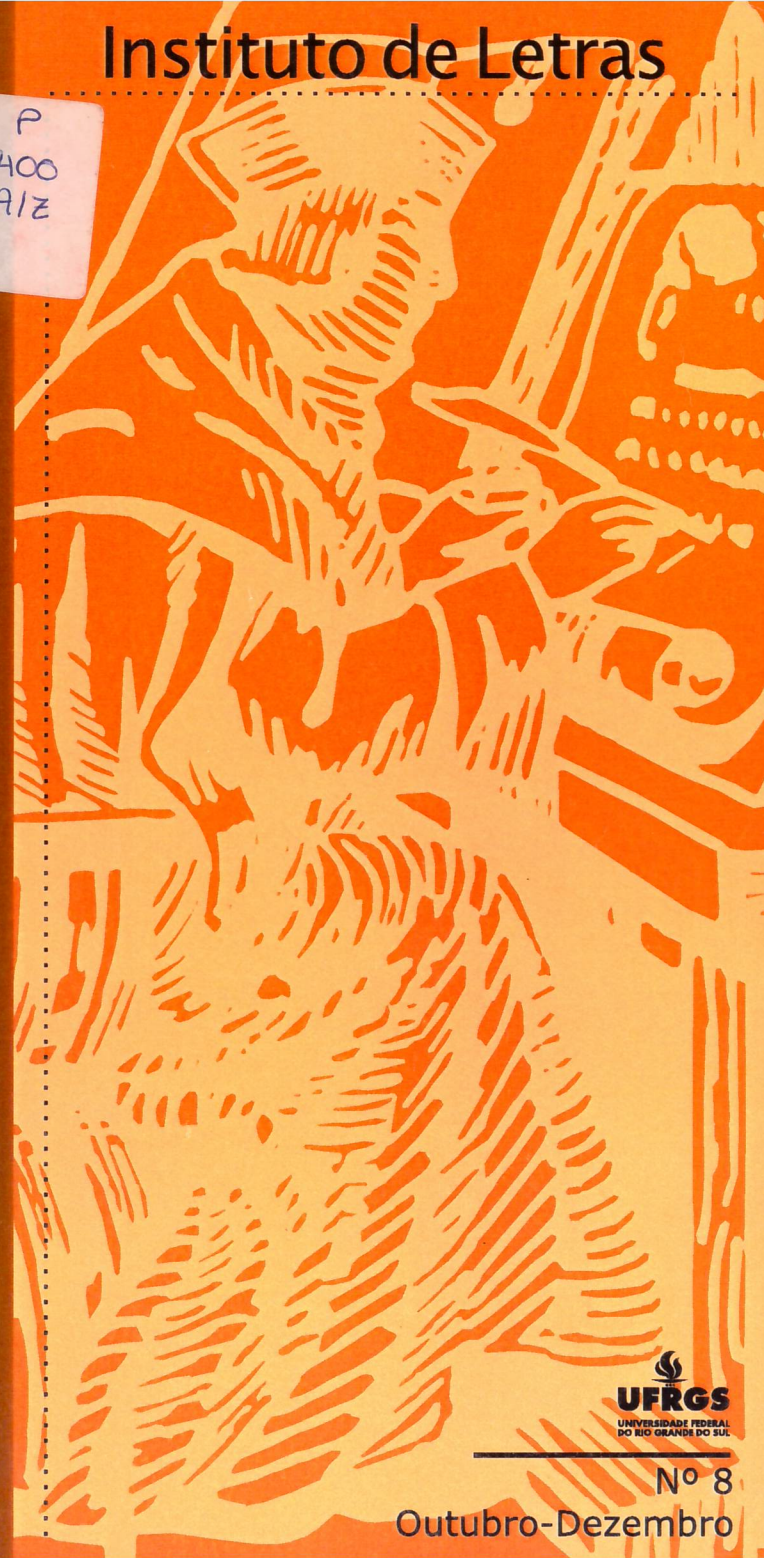


Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 1999 n.8 out/dez

Cadernos de Tradução

P
400
A12

Instituto de Letras



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Nº 8

Outubro-Dezembro

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 8 – Outubro-Dezembro de 1999

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
COMO SE SAIU O MARIDO TRABALHANDO EM CASA.....	10
Conto popular de autor desconhecido.	
Tradução: Altair Martins	
O LEÃO, O PEIXE - LÚCIO E O HOMEM.....	11
Conto popular de autor desconhecido	
Tradução: Altair Martins	
A RAPOSA E O LAGOSTIM.....	13
Conto popular de autor desconhecido	
Tradução: Altair Martins	
TROCAS.....	14
Conto popular de autor desconhecido	
Tradução: Adriano Beziasacinaí	
O CAMPONÊS E A LEBRE.....	17
Conto popular de autor desconhecido	
Tradução: Grace Barra	
A GALINHA RIABA.....	18
Conto popular de autor desconhecido.	
Tradução: Jaques Ximendes Beck	
A GALINHA E OS OVOS DE OURO.....	19
Conto popular de autor desconhecido.	
Tradução: Jaques Ximendes Beck	
KOLOBÔK.....	20
Conto popular de autor desconhecido	
Tradução: Emanuel Vladimir Castro	
HEI, TU!.....	23
Machaonskovo Lessa	
Tradução: José Guilherme Galarraga	
A MACAQUINHA E OS ÓCULOS.....	24
Ivan Andreevitch Krilov	
Tradução: Luis Felipe Rhoden Freitas	
OS MÚSICOS.....	25
Ivan Andreevitch Krilov	
Tradução: Jaques Ximendes Beck	
A RATINHA.....	26
Leon Nikolaevitch Tolstoi	
Tradução: Valdir Lopes Duarte	

OS ESQUIMÓS.....	27
Leon Nikolaevitch Tolstói	
<i>Tradução: Luciane Bittencourt</i>	
OS TRÊS URSOS.....	29
Leon Nikolaevitch Tolstói	
<i>Tradução: Walter Luigi Berengan</i>	
GRICHA.....	31
Anton Pavlovitch Tchekhov	
<i>Tradução: Nadia Novosad</i>	
FANTASIMADOS.....	34
Anton Pavlovitch Tchekhov	
<i>Tradução: Lúcia Marusienko</i>	
DUENDE TAGARELA.....	36
Alexander Grin	
<i>Tradução: Luiz Danilo Coelho Martins</i>	
O AVÔ INVERNO IVANOVITCH.....	38
Vladimir F. Odoievski	
<i>Tradução: Tanira Castro</i>	
VOAM AS AVES DE ARRIBAÇÃO.....	43
M. Isakoviskii.	
<i>Tradução: Ronaldo Soares dos Reis</i>	
CANÇÃO DE MOSCOU.....	45
V. Gucev.	
<i>Tradução: Ronaldo Soares dos Reis</i>	
CANÇÃO PATRIÓTICA.....	47
V. Leedev - Kumatcha.	
<i>Tradução: Ronaldo Soares dos Reis</i>	
MARIA MORIEVNA.....	49
Conto popular de autor desconhecido	
<i>Tradução: Tanira Castro</i>	

Cadernos de Tradução nº 8

CONTOS RUSSOS



Ilustração retirada do livro *Les Contes Russes* - Editions "Rousski yazyk"

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Profª. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Profª. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Profª. Sônia Terezinha Gehring

Profª. Patrícia Chittoni Ramos

Profª. Érica Sofia Schultz

Organizadora deste número: Profª. Drª Tanira Castro - tcastro@vortex.ufrgs.br

Revisão deste número:

Prof. Altair Martins

Leandro Bierhals Bezerra

Profª Tanira Castro

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Apresentação

É com enorme satisfação que apresentamos à comunidade acadêmica este número dos *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras* dedicado à tradução de contos russos. Coube à Profª. Tanira Castro, coordenadora do Setor de Russo, ser a responsável pela sua organização, revisão e, igualmente, ser colaboradora com a tradução de dois dos textos integrantes dos *Cadernos*.

O Curso de Bacharelado de nosso Instituto de Letras, que forma tradutores em seis línguas (Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Japonês), agora está fazendo os seus primeiros passos para formar, também, tradutores em Russo, uma vez que desde 1998 estão sendo oferecidas as disciplinas opcionais LET02013 Língua Russa 1, LET02014 - Língua Russa II, LET02010 - Russo Instrumental e LET02011 - Russo Instrumental II, tendo em vista o grande interesse, por parte da comunidade acadêmica, em relação ao aprendizado do idioma russo, que desde 1985 vinha sendo oferecido de forma regular e ininterruptamente, por todos estes 15 anos, como Curso de Extensão de Língua Russa, aberto à comunidade em geral.

Assim este número dos *Cadernos de Tradução* tem como um primeiro objetivo levar a todos os membros da comunidade de Letras uma pequena parte da contribuição dos alunos de graduação e de extensão no que diz respeito à tradução, inicialmente, de contos russos. O segundo objetivo é mostrar a habilidade em traduzir, do russo para o português, de nossos alunos de graduação, extensão e bolsistas que, depois de apenas um ou dois semestres de aprendizado do idioma, já demonstram um grande interesse em realizar traduções do russo, compartilhando, assim, seu aprendizado com todos os demais segmentos da comunidade de Letras.

É, pois, com satisfação que apresentamos neste volume os trabalhos de tradução (de livre escolha de cada um dos colaboradores deste número) desenvolvidos por nossos alunos de graduação e de extensão, realizados durante o 2º semestre de 1999, que nos foram enviados para publicação.

Os três primeiros livros, a seguir mencionados, que adotamos para nossas traduções, foram aqueles em que crianças e adultos poderiam ler contos e ficarem sabendo porque o tolo lobo ficou sem o rabo, como a esperta raposa organizou a sua vida, o que se deve fazer para viver em paz na família e, como sem ter nada, poder imediatamente enriquecer ou então como cozinhar um gostoso mingau!...

- *Rússkie Skáski (Contos Russos)* - livro de leituras adaptadas para estrangeiros com comentários em francês, organizado por N.N. Kovatcheva e F.V. Frolkina, em uma publicação didática da Editora Rússkie Yazik (Língua Russa), Moscou, 1988; da onde escolhemos os contos: *Como se saiu o marido trabalhando em casa*, *O Camponês e a Lebre*, *Trocas*;
- *Rússkie Narodnie Skáski (Contos Populares Russos)*, volume 1, organizado por Vladimir Prokopenitch Anikin, Moscou, Editora Pravda, 1985; coletânea onde temos contos populares sobre animais, magos, fadas e do cotidiano. Esses contos foram escolhidos dentre os melhores de coleções científico-populares apresentadas sob a redação e a elaboração de conhecidos escritores e

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.7, p. 1-48, jul-set, 1999.

pesquisadores russos; cujos contos escolhidos foram: *A Raposa e o Lagostim*, *Kolobôk*, *O Leão, o Peixe - Lúcio e o Homem*, e *Maria Morevna*;
- *Skéskéi Rússkei Píáteli* (Contos de Escritores Russos), volume 2, organizado por V. P. Anikin, Moscou, Editora Pravda, 1985; coletânea onde temos contos de conhecidos escritores russos dos séculos XIX e XX, cujo conto escolhido foi *O Avô Inverno Ivanovitch*.

A seguir trabalhamos com o livro chamado *Asbinka Liva Tolstova* (*A Cartilha de Leon Tolstoi*), escrito há mais de cem anos, de autoria de um grande escritor e pensador histórico, religioso e ético - Leon Nikolaevitch Tolstoi (1828 - 1910), o autor de *Guerra e Paz*!

Tolstoi nasceu em Yasnaia Polyana e foi em sua cidade natal que escreveu muitas de suas obras, abriu escolas para crianças camponesas e ocupava-se, nas horas vagas, de trabalhos agrícolas. Tolstoi sempre dizia às pessoas que elas deveriam viver de acordo com a natureza, isto é, cuidadosamente, deveriam relacionar-se com o nosso meio ambiente, que deveriam amar-se uns aos outros e nunca brigarem entre si.

A *Cartilha de Tolstoi* é um belíssimo livro; é formidável, também, pois ajuda o aluno a aprender a ler, a melhor compreender o meio que o rodeia, a alegria e as tristezas das pessoas e a beleza da língua russa. Através desse livro, aprendemos que não se devem temer as dificuldades, pois, superando-as, nos tornamos mais sábios e fortes.

Na região de Tulscoi, Tolstoi abriu várias escolas iniciais para camponeses e começou a lecionar em uma delas, acumulando assim uma grande experiência no ensino de crianças. Em 1868 Tolstoi começou a escrever livros didáticos escolares. Em 1872 ele publicou o *Abecedário*; em 1875 - o *Novo Abecedário* e, simultaneamente, escreveu o *Livro Russo de Leituras*. Esses livros basearam-se em material folclórico e costumes de diferentes povos de nosso mundo e diferentes fontes literárias adaptadas.

Tolstoi dizia: "Eu desejo educar o povo, somente, para salvar aqueles como Pushkin e Lomonossov que lá podem afundar..."

Da *Cartilha de Leon Tolstoi* foram extraídos os seguintes contos: *A galinha e os ovos de ouro*, *A Ratinha*, *Os Esquimos* e *Os Três Ursos*.

O segundo grande autor, aqui apresentado, não poderia ser outro, se não Anton Pavlovitch Tchekhov (1860 -1904) - o artista do conto e do gênero curto, tipo novela; um estilista refinado e homem de convicções francamente progressistas, embora nunca manifestasse opiniões políticas ou tendenciosas. Deixava as conclusões por conta do leitor. Muitos de seus contos terminam sem nenhum clímax, mas o leitor pode sempre formar seu próprio juízo. Tchekhov ocupou-se, também, da arte teatral, legando-nos algumas peças que fazem, até hoje, parte do repertório cênico, tais como: *A Gaviota*, *Jardim de Cerejeiras*, *As três Irmãs*, *Tio Vânia* e outras.

Ao concluir o liceu, Anton Tchekhov foi para Moscou, com 19 anos de idade, matriculou-se na Faculdade de Medicina e, para ajudar no sustento da família, passou a escrever para revistas humorísticas, mas demonstrando tal aptidão para escrever histórias de humor, passou a ser solicitado por diversas revistas do ramo. Além dessas histórias, fazia crítica teatral, reportagem e outros trabalhos menores.

Produziu 17 contos, alguns deles obras-primas que fizeram do autor um nome conhecido mundialmente.

Tchekhov sofria pressões de colegas para que assumisse posturas socialmente vanguardistas, mas não se deixou levar, mantendo sempre, em sua literatura, uma postura praticamente neutra, dizendo:

"Não sou liberal, nem conservador, não sou nenhum reformista, monge ou indiferente. Desejaria ser apenas um artista livre e nada mais! O mais sagrado, para mim, é o corpo humano, a saúde, o entendimento, o talento e o entusiasmo. Amor e absoluta liberdade, liberdade sem força e mentira, de qualquer forma que se possam manifestar. Este seria, para mim, um programa a seguir, caso fosse um grande artista. Como não tenho posição política, religiosa ou cosmônica filosófica, limito-me à descrição de como meus personagens amam, casam, dão à luz, falam entre si ou morrem."

Tolstoi exerceu sobre Tchekhov importante influência a ponto deste seguir por alguns anos os preceitos ético-religiosos do mestre de Yasnaia Polyana. Aos Poucos Tchekhov afastou-se da filosofia de Tolstoi. Como justificativa, afirmou que na eletricidade e no vapor, existe mais amor do que na castidade e na abstinência carnal. A guerra é um mal, como são os tribunais, mas isto não significa que andar vestido de camponês e ajudá-los em seus trabalhos domésticos resolva alguma coisa.

Descendente da classe burguesa, conhecia a fundo seus temas e costumes sociais. Seu modo de vida na infância e o exercício da medicina levaram-no a um conhecimento profundo da vida russa. Suas produções como contista, ultrapassando várias centenas, não deixam de constituir um painel de mosaicos, nele exposto um panorama completo da vida e das paisagens russas. O estilo narrativo e descritivo é refinado e, ao mesmo tempo, simples e preciso. Passava ao papel exatamente o que via e o que sentia, e de uma maneira às vezes tão elegante, que chegava a lembrar Turgueniev. Traçou retratos, pouco lisonjeiros, da futilidade e da indolência da aristocracia. Deixou gravado o estado de miserabilidade da vida camponesa. Ninguém talvez tenha sido tão contundente quanto ele, ao retratar o estado de pauperismo em que vegetavam os camponeses russos.

O número de contos de Tchekhov mede-se às centenas, como as obras de Mozart, tal a facilidade com que conseguia escrever a respeito de qualquer tema. Alguns contos são alentados, verdadeiras novelas, ao passo que outros são muito curtos e sintéticos, mas carregam forte mensagem doutrinária ou sentimental. Faleceu em 1904, produzindo uma obra extraordinária em sua curta vida de apenas 44 anos. Tchekhov é uma exceção entre os grandes escritores russos do século XIX. Nunca escreveu sequer um romance volumoso. Seu gênero, por excelência, foi o conto e a novela, se quisermos classificar alguns de seus escritos mais extensos como pertencentes ao gênero novelístico. Foi um homem de convicções progressistas para seu tempo, mas nunca manifestou opiniões políticas em seus textos. Termina sempre seus contos com suavidade, sem maiores traumas, e as conclusões ficam por conta do leitor. Possui uma obra teatral de grande expressão, merecedora, porém, de um

tratamento à parte, fora do âmbito deste número dos *Cadernos de Traduções*. Aqui nos limitamos a apenas dois de seus contos: *Griha* e *Os Fantasiados*.

Depois, temos Ivan Andreevitch Krilov (1769-1844) - poeta, dramaturgo e escritor de contos, histórias e fábulas. Krilov trabalhou, também, como jornalista e em 1789 lançou, em São Petersburgo, o seu incomum jornal "O Correio das Almas" e depois o jornal "O Espectador". Na sua forma de escrever sempre escondia-se o estilo fantástico de expressar um conteúdo satírico-moralista com a intenção de desmascarar e julgar os limites do poder. Desenvolveu, na Rússia, o princípio típico da sátira através da forma narrativa irônica do gênero discursivo. Desenvolvendo e diversificando a sua forma satírica, Krilov utiliza a paródia publicando em 1871 os contos *Tragômico* e *O Triunfo*. Aperfeiçoando o gênero cômico, tornam-se os agentes do movimento as tendências e vícios de seus personagens, publicou *O banco da moda* em 1806 e *Aula para as filhas*, em 1807. O primeiro livro de *Fábulas* de Krilov foi publicado em 1809. O grande sucesso desse livro encontra-se na inclusão em seu gênero de um conteúdo histórico-filosófico. Krilov criou as suas Fábulas livres daquele sentido abstrato moral, tornando o tema básico de suas obras, o real relacionamento das pessoas avaliadas do ponto de vista, critérios éticos e normas, adquiridos através da experiência de trabalho de seu povo. Krilov, do ponto de vista de N. V. Gógol, elucidou as normas morais nacionais, forjadas na experiência histórica do trabalho de seu povo, possibilitando, com isso, o auto-reconhecimento da nação. Ao todo Krilov escreveu mais de 200 fábulas que estão reunidas em uma coleção de nove volumes. Os contos de Krilov aqui apresentados são: *A Macaquinha e os óculos* e *Os Músicos*.

A seguir é apresentado - Vladimir F. Odoievski (1803 ou 1804-1869) um escritor que tentou realizar e concretizar a sua obra artística através de suas idéias pedagógicas. Os seus pensamentos expressos através de seus contos foram escritos com a intenção de "fortalecer o intelecto das crianças" como uma forma de alimentar e desenvolver o trabalho intelectual infantil. O conteúdo de seus contos são plenos de idéias sobre a moral e conhecimentos positivos sobre o mundo. O escritor tentava seguir o princípio da transparência, "sem fragmentar o seu objetivo artificialmente, mas apresentá-lo de forma integral".

O conto - *Moro Ivanovitch*, em português - *O Avô Inverno Ivanovitch* de Vladimir F. Odoievski, escrito segundo as tradições populares russas, é um dos mais belos e preferidos das crianças russas, pois nele são recompensados a bondade e o amor ao trabalho e castigadas a inveja e a maldade. Este conto, inicialmente, foi publicado separadamente em São Petersburgo em 1847 com o título de *Conto infantil sobre o Avô Ivanovitch*, baseado no conto popular russo a respeito do Inverno, numa adaptação de um motivo folclórico.

Incluimos aqui, também, um conto de Alexandre Grin (1880-1932): *O Duende Tagarela* - um de seus melhores contos que pode ser lido como uma verdadeira poesia. Grin dedicou-se à novelas fantásticas, tais como *Velas Vermelhas* que se refere a uma história romântica, de grande popularidade entre os leitores russos, devido a sua idéia fundamental: a alegria e a beleza das relações humanas e a possibilidade de realizar

os sonhos mais fantásticos, coisa que só depende, única e exclusivamente, da própria vontade pessoal, pois "Se alguém buscar com toda a força de sua alma um milagre, ajuda-lhe, se puderes" - disse Grin em uma de suas obras.

Os demais textos apresentados neste volume dos *Cadernos de Tradução* são traduções de letras de músicas populares apresentadas no *Breve Manual de Língua Russa* de Nina Potapova, Edições em Línguas Estrangeiras, publicado em Moscou, em 1961, dos seguintes autores: M. Isakovskii - *Vão as aves de arribação*; V. Gucev - *Canção de Moscou*; e, V. Lebedev -Kumatcha - *Canção Patriótica*.

Assim, neste número dos *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*, tendo como tema central *Contos Russos*, abordando sob diferentes aspectos e relações, representa um trabalho unitário e, simultaneamente, coletivo, apesar da aparente diversidade dos vinte contos aqui apresentados em traduções, resultantes da prática que tem se desenvolvido no âmbito das atividades das disciplinas opcionais de graduação, supracitadas, e do Curso de Extensão de Língua Russa oferecidos por nosso Instituto de Letras - UFRGS.

O lançamento deste volume dos *Cadernos de Tradução* assinala o início de uma nova fase de periódicas publicações realizadas, agora, também, sob a responsabilidade do Setor de Russo. Dentro do seu projeto, está prevista a colaboração, tanto de professores, como de alunos de graduação, de pós-graduação e de extensão, que se dedicam ao estudo da língua e da literatura russas, ampliando, assim, a abrangência dos *Cadernos*, e abrindo um novo espaço para a divulgação de pesquisas e traduções do corpo docente e discente.

Acreditamos que esta nova fase trará um importante incentivo à dinamização das relações entre professores e alunos, assim como contribuirá para o crescimento da produção cultural do Instituto de Letras.

Esperamos que este primeiro lançamento do Setor de Russo estimule nossos colegas e alunos a uma participação mais constante e maciça ao longo dos próximos números de nossos *Cadernos de Tradução*.

Para finalizar, gostaríamos de agradecer a confiança depositada pela Prof^a. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira, Diretora do Instituto de Letras, ao convidar-nos para organizar este número. Agradecemos, também, aos colegas e alunos colaboradores, sem os quais não seria possível concretizar nossa proposta.

Prof^a. Dr^a. Tanira Castro
Organizadora e revisora

Como se saiu o marido trabalhando em casa¹

Conto popular de autor desconhecido.
Tradução de Altair Martins²
Revisão de Tanira Castro

Todos os dias o marido trabalhava no campo, e a esposa cumpria os afazeres de casa.

Freqüentemente o marido lhe dizia:

— Eu trabalho o dia inteiro, e tu o que fazes? Tu mal fazes alguma coisa! Ficas sentada o dia inteiro em casa!

— Bem, — disse ela — tu ficas em casa e eu vou para o campo.

E assim fizeram. A esposa foi trabalhar no campo, e o marido ficou em casa cumprindo as funções domésticas.

Vindo para casa no almoço, a mulher vê: a cabra come repolho, todas as galinhas estão na horta, a vaca muge faminta, o gato derramou o leite, o forno está frio e o almoço não está pronto.

E assim a esposa foi procurar o marido.

Mas ele estava em pé, junto ao poço, pois havia derrubado o balde e não conseguia pegá-lo.

A esposa olhou e disse então:

— Não adianta falar nada, ele não cumpriu mesmo as funções de casa! Ainda bem que pelo menos ficaste vivo.

¹ Tradução adaptada do original russo *Kak mužjik doma rožainitchal* (Como se saiu o marido trabalhando em casa) conto popular russo de autor desconhecido, extraído do livro *Russkie Skazki* (Contos Russos) organizado por Kovathevoi, N.N., Moscou, Ed. Russkii Yazik, 1988, pág. 27. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Licenciado em francês - português pelo Instituto de Letras - UFRGS. Professor de Literatura brasileira no Curso Pré - Vestibular Mauá. É o autor de *Como se moesse ferro*, contos. WS Editor. Porto Alegre, 1999.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

O Leão, o Peixe - Lúcio e o Homem¹

Conto popular de autor desconhecido
Tradução de Altair Martins²
Revisão de Tanira Castro

Uma vez, na beira do rio, o Leão conversava com o Peixe - Lúcio, enquanto o Homem, parado a uma certa distância, escutava. Somente o Peixe - Lúcio, que agora já voltava para a água, percebeu o Homem. O Leão perguntou depois ao Peixe - Lúcio:

— Por que tu voltaste para a água?

— Eu vi o Homem.

— Foi mesmo?

— Sim, ele é muito astuto.

— O que é o Homem? — perguntou o Leão — Dá ele para mim, que eu o como.

O Leão foi procurar o Homem. Mas veio ao seu encontro um menino.

— Tu és o Homem?

— Não, eu ainda não sou homem. Eu sou menino. Algum dia serei homem.

O Leão não tocou nele e seguiu adiante. E foi ao encontro de um velho.

— Tu és o Homem?

— Não, meu caro Leão! Hoje eu não sou homem coisa nenhuma! Fui homem uma vez.

E o Leão não tocou nele.

— Que curiosidade! Não encontro o Homem em lugar nenhum.

Andou e andou o Leão, até que esbarrou num soldado com uma baioneta.

— Tu és o Homem?

— Eu sou o Homem!!

— Então eu vou te comer!

— Espera! — falou o soldado. — Afasta-te de mim, eu mesmo vou cair morto na tua goela. Abre bem essa goela!

O Leão recuou e abriu a goela. O soldado o fincou com a baioneta da espingarda! Depois aproximou rápido a espada da orelha do Leão. O Leão pôs-se a correr. Chegou correndo ao rio. O Peixe - Lúcio veio à terra e perguntou:

¹ Tradução adaptada do original russo *Lev, Shshuka i Tchelovek* (O Leão, o Peixe - Lúcio e o Homem), conto popular russo de autor desconhecido, extraído do livro *Russkie Narodnye Skazki* (Contos Populares Russos), organizado por A. N. Tolstói - Vol. I - pág. 122-124, Moscou Ed. Pravda, 1985. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Licenciado em francês - português pelo Instituto de Letras - UFRGS. Professor de Literatura Brasileira no Curso Pré - Vestibular Mauá. É o autor de *Como se moesse ferro*, contos. WS Editor. Porto Alegre, 1999.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

— E então, viu o Homem?

— Sim — falou o Leão — vi o astuto Homem! Imediatamente eu não entendi: ele fala que já foi homem, que ainda será homem, mas, quando eu encontrei o Homem, eu não tive motivo nenhum de alegria. Ele obrigou que eu me afastasse, que eu abrisse a goela e depois cuspiu lá dentro, que ainda agora continua me queimando. Por fim, enfiou a língua para fora de tal forma, que por pouco não me cortou a orelha.

— Mas eu te avisei: o Homem é muito astuto!...

A Raposa e o Lagostim¹

Conto popular de autor desconhecido

Tradução de Altair Martins²

Revisão de Tanira Castro

A Raposa falou ao Lagostim:

— Vamos bater uma corrida!

— Pois bem, Raposa, vamos!

E começaram a correr.

No que a Raposa disparou,

o Lagostim agarrou-se à sua cauda.

A Raposa correu até o lugar combinado,

virou-se para olhar, sacudiu a cauda;

o Lagostim desprendeu-se e disse:

— Já há tempos que eu estou te aguardando aqui, Raposa!

¹ Tradução adaptada do original em russo *Lissa i Rak* (*A Raposa e o Lagostim*), conto popular russo de autor desconhecido, extraído do livro *Russkie Narodnye Skazki* (*Contos Populares Russos*), organizado por Vladimir Prokopenitch Anikin, Vol. 1, Moscou, Ed. Pravda, 1985, pág. 27. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Licenciado em francês - português pelo Instituto de Letras - UFRGS. Professor de Literatura Brasileira no Curso Pré - Vestibular Mauá. É o autor de *Como se moesse ferro*, contos. WS Editor. Porto Alegre, 1999.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Trocas!¹...

Conto popular de autor desconhecido

Tradução de Adriano Beziaçacina²

Revisão de Tanira Castro

Era uma vez um velhinho e uma velhinha. Eles tinham uma égua e o seu vizinho uma carroça. Sempre que era necessário ir ao mercado, na cidade, o vizinho lhes pedia a égua, ou eles lhe pediam a carroça. Assim eles viviam, ajudando um ao outro como bons vizinhos que eram.

Certo dia, a égua lhes trouxe um potrilho. Então, a velhinha falou ao marido:

— Vai ao mercado, vende a égua e compra uma carroça. O cavallinho vai crescer, e então nós teremos uma carroça e um cavalo.

O velhinho assim fez, levou a égua para o mercado, para vendê-la. Estava indo, quando ao seu encontro apareceu um homem, trazendo uma vaca. O homem perguntou ao velhinho:

— Para onde o senhor está indo?

— Para o mercado. Quero vender esta égua.

— Vamos trocar. O senhor me dá a égua, e eu lhe dou a vaca.

O velhinho pensou e acabou concordando. Seguiu o velhinho adiante, conduzindo a vaca. Ao encontro dele, veio um homem trazendo uma ovelha. Eles conversaram um pouco, e o homem propôs ao velhinho uma troca:

— O senhor fica com a minha ovelha, e me dá a vaca.

O velhinho pensou um pouco e aceitou.

Seguiu adiante o velhinho, levando a ovelha, e ao seu encontro veio um homem trazendo um porco. O homem se aproximou do velhinho e disse:

— Vamos trocar? O senhor me dá a ovelha, e eu lhe dou o porco?

O velhinho aceitou e seguiu seu caminho, levando o porco. Veio em sua direção um homem carregando um galo. Ele aproximou-se e disse:

— Vamos trocar? O senhor me dá o porco, e eu lhe dou o galo?

O velhinho concordou e seguiu adiante, carregando o galo nas mãos. Em sua direção veio um homem. Ele viu o galo e falou:

— Venda-me o galo. Eu lhe darei dinheiro em troca.

¹ Tradução adaptada do original russo *Mena (Trocas)*, conto popular de autor desconhecido, extraído do livro *Russkii Skazki (Contos Russos)* organizado por Kovathevoi, N.N., Moscou, Ed. Russkii Yazik, 1988, pág. 34-37. Trabalho individual de avaliação apresentado na Disciplina LET02014 - Língua russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico de Espanhol - Português pelo Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

O velhinho pensou, pensou, entregou o galo, pegou o dinheiro e seguiu adiante, satisfeito:

— Que bom! pelo menos vou levar um pouco de dinheiro para a velhinha. Seria ruim voltar para casa sem dinheiro.

Ele ia carregando o dinheiro na mão. Ao encontro dele veio um homem. Chegou bem perto e falou ao velhinho:

— O senhor não quer comprar esta carteira?

O velhinho olhou: era uma carteira muito bonita. Deu o dinheiro e ficou com a carteira.

Ele ia caminhando e pensando: “Será um bom presente para a minha velhinha. E, a final de contas, o que é o dinheiro? Sempre é possível trabalhar para obtê-lo!”

Caminhou, caminhou até que chegou ao rio. Precisava atravessar para o outro lado do rio, e não tinha com o que pagar. O velhinho puxou a carteira e a ofereceu ao homem da balsa pelo transporte.

Neste momento, aproximaram-se do rio uns mercadores. Eles levavam mercadorias consigo, e também queriam atravessar o rio. Eles viram o velhinho com a carteira e perguntaram:

— Como pode acontecer isso? O senhor tem uma linda carteira e não tem dinheiro!?

O velhinho lhes contou como ele trocou a égua pela vaca, a vaca pela ovelha, a ovelha pelo porco, o porco pelo galo; como vendeu o galo, e depois comprou a carteira para dar de presente à velhinha. Os mercadores ficaram rindo dele, depois perguntaram:

— E como o senhor vai voltar para casa agora, sem a égua e sem dinheiro? A velhinha vai enxotá-lo de casa.

O velhinho respondeu:

— Não vai enxotar, não; vai apenas dizer: “Que bom que você voltou vivo!”

Os mercadores ficaram admirados e apostaram com o velhinho: se a velhinha dissesse aquilo, eles dariam todas as suas mercadorias, e ainda mais carroças e cavalos, e se ela expulsasse o velhinho de casa, ele daria a eles todos os seus bens.

Os mercadores foram até a velhinha e disseram:

— Trazemos para a senhora lembranças do seu marido e esta carteira.

— E ele, onde está?

— Ele ficou na outra margem do rio. Não tinha como pagar o transporte.

— E o que ele fez com o dinheiro?

— Deu em troca desta carteira. Ele queria dá-la de presente à senhora.

— E a égua está com ele?

— Não; ele a trocou por uma vaca.

— Bem... então, teremos leite. Isto é bom.

— Porém a vaca ele já não tem mais.

— E onde está ela?

— Ele trocou por uma ovelha.

- Que esperto! Teremos lã, então. Vou tecer meias.
- Mas agora ele também já não tem a ovelha.
- E onde está ela?
- Ele trocou por um porco.
- É... isso também é bom. Vamos ter banha.
- Mas ele já não tem o porco também!
- E o que ele fez com o porco?
- Trocou por um galo...

Os mercadores contaram à velhinha tudo que aconteceu.

A velhinha ouviu, ouviu, e disse:

— Graças a Deus! Ainda bem que ele está vivo!

Então os mercadores se viram obrigados a dar todas as suas mercadorias, e ainda suas carroças e cavalos ao velhinho.

O Camponês e a Lebre¹

Conto popular de autor desconhecido

Tradução de Grace Barra²

Revisão de Tanira Castro

La certa vez pelo campo um pobre camponês.

De repente, viu sentado em baixo do arbusto uma lebre.

O agricultor alegrou-se e disse:

— Eis que agora eu vou viver bem. Pegarei a lebre e a venderei, com este dinheiro comprarei uma porca. Ela me trará mais doze porquinhos. Eu terei muita carne, então a venderei e com o dinheiro construirei uma casa nova. Com as economias guardadas empregarei trabalhadores e casarei. A esposa me dará dois filhos homens. Eles começarão a trabalhar no campo, e estarei junto à janela sentado e pela ordem zelarei. "Ei! Vocês! Gurizada! — gritarei eu — não obriguem os trabalhadores a trabalhar muito, não esqueçam que vivíamos pobremente!"

E tão alto gritou o camponês, que a lebre se assustou e saiu correndo!...

¹ Tradução adaptada do original russo *Mujik i Zaitze* (*O Camponês e a Lebre*) - conto popular russo de autor desconhecido, extraído do livro *Russkii Skazki* (*Contos Russos*) organizado por Kovatchevoi N.N., Moscou, Ed. Russkii Yazik, 1988, - pág. 28. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LLETO2014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmica em Inglês - Português - Instituto de Letras - UFRGS.

A galinha Riaba¹

Conto popular de autor desconhecido.

Tradução de Jaques Ximenes Beck²

Revisão de Tanira Castro

Era uma vez o vovô e a vovó.

Eles tinham uma galinha que se chamava Riaba.

Certa vez a galinha colocou um ovo que não era simples – de ouro.

O avô bateu, bateu e não o partiu.

A avó bateu, bateu e, também, não o quebrou.

Mas a ratinha que corria por ali, com o rabinho o tocou,

O ovo caiu e se quebrou.

O vovô chorou, a vovó chorou muito, e a galinha cacarejou:

— Não chora vovô! Não chora vovô!

— Eu lhes darei outro ovo, que não será de ouro, mas comum!

¹ Tradução adaptada do original russo *Kurotchka Riaba* (A galinha Riaba) - conto popular de autor desconhecido, extraído do livro *Russkie Skazki* (Contos Russos) organizado por Bogdanov O. A., Leningrad, Ed. Rhudoshnik RSFSR, 1991, pág. 6. Trabalho individual apresentado para avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Alemão - Português do Instituto de Letras - UFRGS.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

A Galinha e os Ovos de Ouro¹

Conto popular de autor desconhecido.

Tradução de Jaques Ximenes Beck²

Revisão de Tanira Castro

Certo Camponês tinha uma Galinha

que punha Ovos de Ouro.

Mas o Camponês, muito ambicioso,

quis, imediatamente, ter muito ouro

e matou a Galinha, pois pensava

que no interior de sua barriga

havia muito mais ouro,

mas a Galinha

era igualzinha às outras galinhas!....

¹ Tradução adaptada do original russo *Kurotchka i zolotie yaitsi* "A galinha e os ovos de ouro" - conto popular de autor desconhecido, extraído do livro *Asbuka Liza Tolstaya* (A Cartilha de Liza Tolstáia), 2ª edição, Tula, Ed. União Poligráfica, 1994, pág. 105. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Alemão - Português do Instituto de Letras - UFRGS.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Kolobôk¹

Conto popular de autor desconhecido²

Tradução: Emanuel V. Castro³

Revisão de Tanira Castro

Era uma vez um velhinho e uma velhinha.

Certa vez o velhinho pediu à sua mulher:

— Minha velha, será que tu não moerias e não passarias pela peneira um pouco de farinha para fazer um Kolobôk?!...

A velhinha pegou o moedor e numa tigela moeu; numa peneira, peneirou dois montinhos de farinha de trigo. Misturou à farinha smetana⁴, amassou o Kolobôk, fritou-o na manteiga e na janela colocou-o para que esfriasse.

Kolobôk, longo tempo, ali ficou, ficou, mas de repente, saiu rolando – da janela para o balcão, do balcão para o piso, pelo piso correu até à porta, pulou pela soleira e foi para o saguão; do saguão até o terraço, do terraço até o pomar, do pomar até o portão e assim por diante...

Rolou, rolou Kolobôk pela estrada, quando de repente, veio ao seu encontro o Coelho:

— Kolobôk, Kolobôk! Eu vou te comer!

— Não me comas, Coelho! Espera, que eu te cantarei uma cançãozinha:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira – peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

E de ti, Coelho! Há muito tempo - já fugi!"

E saiu rolando pelo caminho, de tal forma, que o Coelho só o viu passar!

Rolava Kolobôk pelo caminho, e ao seu encontro veio o Lobo:

— Kolobôk, Kolobôk! Eu vou te comer!

¹ Bolo frito, feito com farinha e creme de leite, similar ao nosso "bolinho de chuva".

² Tradução adaptada do original russo *Kolobôk*, conto popular de autor desconhecido. Texto extraído do livro - *Contos Russos*, Moscou, Ed. Russkii Yazik, 1987, págs. 76-78. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação do Curso de Extensão de Língua Russa, em dezembro de 1999.

³ Graduando de Educação Física - UFRGS, aluno do Curso de Extensão em Língua Russa, nível VI, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Creme de leite azedo.

— Não me comas, Lobo! Espera, que eu te cantarei uma cançãozinha:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

E de ti, Lobo! Há muito tempo - já fugi!"

E saiu rolando pelo caminho, de tal forma, que o Lobo só o viu passar!

Rolou, rolou Kolobôk pelo caminho, e ao seu encontro veio o Urso:

— Kolobôk, Kolobôk! Eu vou te comer!

— Não me comas, Urso! Espera, que eu te cantarei uma cançãozinha:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

Do Lobo! Eu fugi!

E de ti, Urso! Há muito tempo - já fugi!"

E de novo saiu rolando pelo caminho, de tal forma que o Urso só o viu passar!

E assim rolava, rolava Kolobôk, mas de repente veio ao seu encontro a Raposa:

— Kolobôk! Kolobôk, para onde rolas?

— Rolo pela estrada!

— Kolobôk! Kolobôk! Cante-me uma cançãozinha!

Kolobôk cantou:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

Do Lobo! Eu fugi!

Do Urso! Eu fugi!

E de ti, Raposa! Não será difícil fugir!"

Mas a Raposa lhe diz:

— Ah! Que cançãozinha bonita! Mas eu já estou velha — ouço mal! Kolobôk! Kolobôk! Senta aqui no meu narizinho, por favor, e canta outra vez, porém mais alto...

Kolobôk pulou para o nariz da Raposa e cantou, a mesma canção, mais alto:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

Do Lobo! Eu fugi!

Do Urso! Eu fugi!

E de ti, Raposa! Não será difícil fugir!"

E a Raposa, de novo, lhe diz:

— Kolobôk! Kolobôk! Senta, por favor, aqui na minha linguinha e canta pela última vez.

Mas Kolobôk, muito ingênuo, saltou na língua da Raposa!

E a Raposa — Glup! — engoliu o Kolobôk!

Hei, tu!

Autor - Machonskovo Lessa

Tradução de José Guilherme Galarraga²

Revisão de Tanira Castro

Nenhuma das feras queria passar perto da gaiola onde vivia o Papagaio Hei-tu. Pelo contrário, nem sequer o chamavam, porque a expressão preferida do papagaio era "Hei, tu".

Ele vê o Hipopótamo e grita:

— Hei, tu! Hipopótamo! Teu retrato está na revista de moda!

Vê o Crocodilo e tira um sarro:

— Hei, tu! Crocodilo! Como tu caíste na poça?

Vê o Rinoceronte e não o deixa em paz:

— Hei, tu! Rinoceronte! Não vás te enganchar na porta!

Quem iria querer passar por aquele papagaio chato? Mas, apesar de tudo, passavam, pois a casa do Papagaio Hei-tu localizava-se bem no centro da rua, na frente da grande Loja Central.

Mais do que todos, descontente com estas provocações estava a diretora da grande Loja Central, a Girafa Magricela, porque os clientes quase não visitavam sua Loja, pois não queriam ser vítimas do escárnio do papagaio.

Então, a Girafa Magricela bolou um plano astuto: ela deu de presente ao Papagaio Hei-tu um espelho novo bem grande pelo seu aniversário.

Hei-tu viu sua imagem no espelho e concluiu que aquele papagaio que olhava para ele era outro e não ele próprio.

Desde aquele dia, o papagaio, o tempo todo, ficava ao lado do espelho, molestando a si mesmo:

— Hei, tu! Papagaio! Fique em casa, não passeie!

¹ Tradução adaptada do original russo *Лй, тй! (Hei, Tu!)* - conto de Machonskovo Lessa, extraído de um site da Internet: Skazki Machonskovo Lessa - *Sobryshko na pamjat (Contos de Machonskovo Lessa - Salzinho na memória)*. Trabalho individual apresentado para avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Biblioteconomia - UFRGS.

A Macaquinha e os óculos¹

Autor - Ivan Andreevitch Krilov
 Tradução de Luis Felipe Rhoden Freitas²
 Revisão de Tanira Castro

Certa Macaquinha, ao envelhecer, tornou-se fraca dos olhos;
 E, de muitas pessoas ela ouviu:
 Que essa não era uma desgraça, assim, tão grande,
 Somente deveria arranjar uns óculos!
 Ela então pegou para si, em um balaio, uma meia dúzia de
 Óculos e neles mexeu de mil maneiras:
 Apertou-os contra as têmporas, segurou-os firme com o rabo,
 Cheirou-os, lambeu-os;
 Mas os óculos não serviam para nada!...
 “— Que diabos! — ela disse — Bobos são aqueles:
 Os que escutam o que as pessoas dizem, são todos uns tontos,
 Tudo o que me disseram, sobre os óculos, foram mentiras,
 Eles não servem nem para os cabelos!”
 A Macaquinha, muito magoada e com muita tristeza,
 Pegou-os como se fossem uma pedra,
 E lançou-os que só faísca se viu deles.

Lamentavelmente, o mesmo acontece com muita gente:
 As coisas não são úteis - se não conhecemos o seu valor.
 É triste, quando não sabemos para que servem, aí tudo cai em desgraça
 Mas, se conhecemos a utilidade das coisas,
 Então, podemos aproveitá-las.

¹ Tradução adaptada do original em russo *Martichka i Otkhki* (A Macaquinha e os óculos) texto extraído do livro *Basni* (Contos) de Krilov, I. A., Vol. I, Moscou Ed. Rhudojestvennaia Literatura, 1958, pág. 22. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Inglês - Português do Instituto de Letras - UFRGS.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Os Músicos¹

Autor - Ivan Andreevitch Krilov
 Tradução de Jaques Ximenes Beck²
 Revisão de Tanira Castro

Certa vez um vizinho convidou ao outro vizinho para um jantar,
 Mas o que convidou tinha segundas intenções:
 O anfitrião gostava muito de música,
 E convidou à sua casa o seu vizinho para ouvir suas canções.
 Cantavam bravamente: um a respeito do bosque,
 O outro a respeito da madeira, e assim por diante...
 Cantavam a respeito do que lhes vinha à cabeça.
 De tal forma até ensurdecer
 E deixar a cabeça de sua visita girando.
 — Por gentileza, — disse com respeito o visitante —
 O que devo admirar aqui? O teu coral? A garganta lírica?!
 — Tens razão, — respondeu o anfitrião condoído —
 Meus colegas estão um pouco dissonantes!
 Pois não levaram, ainda, à boca, nenhuma bebida.
 Ao meu ver é melhor começarmos a beber.
 Pois só assim cantaremos muito melhor.

¹ Tradução adaptada do original russo do Conto *Muzikanti* (Os Músicos), extraído do livro *Basni* (Contos) de Krilov, I. A., Vol. I, Moscou Ed. Rhudojestvennaia Literatura, 1958, pág. 07. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Alemão - Português do Instituto de Letras - UFRGS.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.8, p. 1-44, out-dez, 1999.

A Ratinha¹

Autor - Leon Nikolaevitch Tolstói

Tradução de Valdir Lopes Duarte²

Revisão de Tanira Castro

Certa vez a Ratinha saiu para passear. Caminhou pelo pátio e voltou de novo até sua mãe.

— Ah, mamãe, eu vi duas feras. Uma é horrorosa, mas a outra é bondosa.

A mãe perguntou:

— Diga, como são essas feras?

A Ratinha disse:

— Uma é horrível, anda no pátio e é assim: tem garras negras e crista vermelha; olhos atrevidos e nariz em gancho. Quando passei na sua frente, ela abriu a goela, ergueu as garras e começou a gritar tão alto, que de pavor eu não sabia para onde ir.

— É o Galo — disse a velha Rata. — Ele não faz mal a ninguém, dele não tenhas medo. E então, e a outra fera, como é?

— A outra estava deitada ao sol para se aquecer. Tem bochechas brancas, patas macias, de cor cinza. Lambia seu peito branco e devagarinho balançava a sua cauda, olhando para mim.

A velha Rata disse:

— Sua tola! Boba! Mas esse é o próprio Gato!

¹ Tradução adaptada do original russo do Conto *Mäshka (A Ratinha)* de Leon N. Tolstói, extraído do livro *Ashuka Lira Tolstora (A Cartilha de Leon Tolstói)*, 2ª edição, Tula, Ed. União Poligráfica, 1994, pág. 46. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Licenciado em Inglês - Português pelo Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Os Esquimós¹

Autor - Leon Nikolaevitch Tolstói

Tradução de Luciane Bittencourt²

Revisão de Tanira Castro

No mundo existe um território onde o verão ocorre durante apenas três meses. O restante do tempo é inverno. No inverno, os dias são tão curtos que o sol só desponta e imediatamente se põe. Mas durante três meses, exatamente no meio do inverno, o sol não desponta e, assim, nesses três meses, fica completamente escuro. Nesta parte da Terra vivem pessoas chamadas de Esquimós. Essas pessoas falam com sua língua própria. Não entendem a linguagem de outras pessoas e não viajam à parte alguma da terra. Os Esquimós têm uma baixa estatura, porém sua cabeça é bastante grande. Eles não são brancos, e sim pardos; seus cabelos são lisos, negros e grossos. Eles têm nariz fino, rosto largo e olhos miúdos e amendoados.

Os Esquimós moram em casas de gelo. Eles as constroem assim: cortam o gelo em forma de tijolos e fazem suas casas como se fossem fornos. No lugar dos vidros, eles colocam nas aberturas blocos de gelo e, no lugar da porta, eles fazem um longo tubo na neve através do qual entram arrastando-se para o interior de suas casas. Quando chega o inverno, suas casas ficam completamente cobertas de neve e tornam-se aquecidas.

Os Esquimós comem alces, lobos e ursos brancos. Eles pescam peixes no mar com arpões e redes. Abatem os animais com arco, flecha e lanças. Os Esquimós comem, como os animais, a carne crua. Eles não têm linho e nem algodão para fazer camisas e barbantes. Nem lã para fazer tecidos. Eles fazem barbantes das tripas de animais e da pele fazem as roupas.

Eles juntam duas peles com o pêlo para o lado de fora, furam com espinha de peixe e costuram com as tripas de animais. Desse modo, eles fazem camisas, calças e botas. Eles também não possuem ferro. Então fazem as flechas e lanças de ossos.

O que eles mais gostam de comer é banha animal. Mulheres e homens vestem-se igualmente. Mas só as mulheres usam botas muito largas, pois, nessas botas de canos largos, elas colocam os filhos pequenos para carregá-los.

No meio do inverno dos Esquimós ocorrem três meses de total escuridão, pois o sol não aparece nunca. Mas no verão, acontece exatamente o contrário, o sol não se põe no horizonte plenamente, então é a noite que não acontece nunca, dando

¹ Tradução adaptada do original russo *Esquimós (Os Esquimós)* de Leon N. Tolstói. Texto extraído do livro *Ashuka Lira Tolstora (A Cartilha de Leon Tolstói)*, 2ª edição, Tula, Ed. União Poligráfica, 1994, pág. 112-113.

Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmica de Inglês - Português do Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

lugar ao fenômeno das noites brancas, quando o sol, durante quase um mês e meio, não desaparece nunca do céu.

Os três Ursos¹

Adaptação de Leon Nikolaevitch Tolstói

Tradução de Walter Luigi Berengan²

Revisão de Tanira Castro

Uma menina saiu de casa e foi passear na floresta. Na floresta ela perdeu-se e pôs-se a procurar o caminho de volta, que não encontrou, mas lá achou uma linda casinha abandonada.

A porta estava aberta. Ela olhou e viu que na casa não havia ninguém, e entrou. Nesta casa moravam três ursos. O primeiro urso era o pai, o chamavam de Miguel Ivanitch. Ele era muito grande e peludo.

O outro era a ursa. Ela era um pouco menor e a chamavam de Nastácia Petrovna. O terceiro era pequenininho, um ursinho, e o chamavam de Michenka.

Os ursos não estavam em casa, eles haviam saído para passear na floresta.

Na casa havia duas peças: a primeira era a sala de jantar e a outra o quarto de dormir.

A menina entrou no refeitório e viu na mesa três tigelas com um grosso sopão.

A primeira tigela, muito grande, era do Miguel Ivanitch. A segunda tigela, um pouco menor, era da Nastácia Petrovna. A terceira tigela, azulzinha, era a do Michenka. Ao lado de cada tigela havia uma colher: uma grande, uma média e uma pequena.

A menina pegou a maior colher e começou a comer da grande tigela. Depois tomou a colher média e comeu um pouco da tigela média. Depois tomou a colherinha pequena e comeu da tigelinha azulzinha, e a sopa grossa, do Michenka, de fato, mostrou-se a melhor: a mais gostosa de todas.

A menina quis sentar e viu junto à mesa três cadeiras: a primeira grande, a do Miguel Ivanitch; a outra um pouco menor, a de Nastácia Petrovna; e a terceira, pequenininha, com uma almofadinha azulzinha, era a de Michenka. Ela subiu na grande cadeira e despencou; depois sentou na cadeira do meio, mas sentar nela era incômodo; depois sentou-se na cadeirinha pequenininha e pôs-se a rir, pois sentiu-se muito bem. Ela pegou a tigelinha azulzinha e começou a comer. Tomou toda a sopa e começou a balançar-se na cadeira.

¹ Tradução adaptada do original russo do Conto *Tri Medredia* (*Os três Ursos*), numa adaptação de Leon Nikolaevitch. Tolstói, para o russo, do conto francês *A menina e as tigelas de ouro* ou *Os três Ursos*, extraído do livro *Russkie Skazki* (*Contos Russos*), Moscou, Ed. Russkii Yazyk, 1988, pág. 123-124. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina L47102014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Italiano - Português pelo Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº8, p. 1-44, out-dez, 1999.

A cadeirinha quebrou-se, e ela caiu no chão. Ela levantou-se, ergueu a cadeirinha e foi para o outro quarto. Lá estavam três camas: a primeira grande, a do Miguel Ivanitch; a outra média, a da Nastácia Petrovna; a terceira pequena, a do Michenka. A menina deitou na grande: de fato era demasiado gigantesca para ela; deitou na média: era demasiadamente alta; deitou na pequena: a caminha era, desta vez, de fato, como se feita sob medida para ela, e ela adormeceu.

Mas os ursos chegaram em casa esfomeados e queriam almoçar. O grande urso pegou sua tigela, olhou ao seu redor e se pôs a rugir com voz medonha:

— Quem foi que comeu da minha tigela?!

Nastácia Petrovna olhou para sua tigela e começou a gritar, não tão ruidosamente:

— Quem foi que comeu da minha tigela?!

E Michenka viu sua tigelinha vazia e se pôs a choramingar com voz fina:

— Quem foi que pegou minha tigela e comeu tudo?!

Miguel Ivanitch olhou atravessado para sua cadeira e rosnou com voz medonha:

— Quem sentou na minha cadeira e mudou-a de lugar?!

Nastácia Petrovna olhou de soslaio para sua cadeira e grunhiu, não tão ruidosamente:

— Quem sentou na minha cadeira e mudou-a de lugar?!

Michenka olhou de relance para a sua cadeirinha quebrada e disse com fio de voz:

— Quem sentou na minha cadeira e quebrou-a?!

Os ursos correram para o outro quarto:

— Quem deitou-se na minha cama e desarrumou-a?! — pôs-se a berrar Miguel Ivanitch, com voz terrível.

— Quem deitou-se na minha cama e desarrumou-a?! — rosnou Nastácia Petrovna, não tão ruidosamente.

E Michenka, subindo na sua caminha e choramingando com voz fina:

— Quem deitou-se na minha cama?!

E de repente ele viu a menina e começou a gritar esganiçadamente:

— Foi ela! Peguem! Peguem! Foi ela! Foi ela! Ai, ai, ai! Peguem!

A menina abriu os olhos, viu os ursos e correu para a janela. A janela estava aberta, ela saltou e escapuliu. E os ursos não conseguiram alcançá-la.

Gricha¹

Autor - Anton Pavlovitch Tchekhov

Tradução de Nadia Novosad²

Revisão de Tanira Castro

Gricha, menino pequeno, rechonchudo, que nasceu há dois anos e oito meses, está passeando na avenida com a babá. Veste um longo traje forrado de lã, um xale, um grande chapéu com borda felpuda e galochas quentes. Sente calor e falta de ar; o alegre sol de abril bate-lhe ainda bem nos olhos e belisca-lhe as pálpebras.

Toda a sua figurinha desajeitada, que vai caminhando com timidez e indecisão, reflete uma perplexidade extrema.

Até agora, Gricha conhecia apenas o mundo quadrangular de seu quarto, onde, num dos cantos, fica sua cama; noutro, o baú da babá; no terceiro, uma cadeira, e, no quarto, um velador sob uma imagem. Espiando-se para debaixo da cama, vêem-se uma boneca, de braço quebrado, e um tambor. Atrás do baú da babá, existem muitos objetos diferentes: carretéis de linha, papezinhos, uma caixinha sem tampa e um palhaço quebrado. Além da babá e de Gricha, aparecem com freqüência, neste mundo, mamãe e o gato. Mamãe parece uma boneca, e o gato parece a estola do papai, só que a estola não tem olhos, nem rabo. No mundo chamado quarto de criança, há uma porta que dá para um espaço, onde as pessoas jantam e tomam chá. Ali ficam a cadeirinha alta de Gricha e o relógio de parede, que existe unicamente para balançar e soar de vez em quando. Da sala de jantar, pode-se passar para um quarto com poltronas vermelhas. Ali, sobre o tapete, aparece uma mancha, por causa da qual se costuma, até hoje, ameaçar Gricha com o dedo. Além desse quarto, há um outro, onde não o deixam entrar e onde aparece papai, uma personalidade extremamente misteriosa! A babá e a mamãe são compreensíveis: elas vestem Gricha, servem-lhe comida e deitam-no para dormir, mas para que existe o papai, não se sabe. Existe ainda outra personalidade misteriosa: a tia que presenteou Gricha com o tambor. Ora aparece, ora desaparece. Para onde é que ela vai? Mais de uma vez, Gricha espiou em baixo da cama, atrás do baú e debaixo do divã, mas ela não estava lá...

Todavia, nesse novo mundo, em que o sol pica os olhos, há tantos papais, mães e tias, que não se sabe sobre quem precipitar-se correndo. E o mais estranho e absurdo de tudo são os cavalos. Gricha olha para suas pernas, que se

¹ Tradução adaptada do original russo *Gricha (Gricha)* - conto de Anton Pavlovitch Tchekhov, extraído de *Povesti i Rasskazy v trikh tomakh (Novelas e Contos em três volumes)*, Moscou, Ed. Khudojstvennaya Literatura, 1959, vol. 1, pág. 273-276. Trabalho individual apresentado para avaliação do Curso de Extensão em Língua Russa, nível VI.

² Enfermeira, aposentada, aluna do Curso de Extensão em Língua Russa, promovido pelo Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras - UFRGS.

movem, e nada consegue compreender. Olha para a babá, esperando que resolva sua situação de perplexidade, mas ela permanece calada.

De repente, ouve uma pisadas terríveis... Caminha ritmadamente pela avenida, bem na sua direção, uma multidão de soldados de rostos vermelhos e com vassouras de banho seguras na axila. Gricha fica todo frio de horror e lança um olhar interrogativo para a babá: não será perigoso? Mas a babá não foge, nem chora, quer dizer que não há perigo. Gricha acompanha os soldados com os olhos e começa a marchar no mesmo ritmo.

Dois grandes gatos, de focinho comprido, língua pendente e rabo levantado, atravessam a avenida correndo. Gricha pensa que ele também deve correr e sai atrás dos gatos.

— Espera! — grita-lhe a babá, agarrando-o, de modo grosseiro, pelos ombros — Onde vai? Pensa que te deixaram fazer travessuras?

Há uma outra babá, sentada, segurando uma gamela com laranjas. Gricha passa por ela e apanha, silenciosamente, uma laranja.

— Para que isso? — grita a acompanhante, dando-lhe um tapa na mão e arrancando-lhe a laranja — Bobo!

Nesse momento, Gricha apanharia com prazer um vidrinho, jogado sob os pés dos transeuntes e que brilha como um velador, mas tem medo de que lhe batam novamente na mão.

— Meus cumprimentos! — ouve de repente Gricha, quase sobre seu ouvido, a voz sonora, cheia, de alguém, e vê um homem alto, com botões claros.

Para seu grande espanto, este homem dá a mão à babá, pára ao lado dela e começa a conversar. O brilho do sol, o barulho das carruagens, os cavalos, os botões, tudo isso é tão admiravelmente novo e nada assustador, que o coração de Gricha enche-se de um sentimento de deleite e ele se põe a dar gargalhadas.

— Vamos! Vamos! — grita para o homem de botões claros, puxando-o pela alça.

— Vamos para onde? — pergunta o homem.

— Vamos! — insiste Gricha.

Tem vontade de dizer que não seria mau, igualmente, levar consigo papai, mamãe e o gato, mas a língua diz coisa completamente diversa do seu pensamento e do necessário.

Um pouco depois, a babá afasta-se da avenida e introduz Gricha num grande pátio, onde ainda há neve. Segue-os o homem de botões claros. Evitam, cautelosamente, os torrões de neve e as poças de água; sobem uma escada suja e escura e entram num quarto. Ali há muita fumaça, sente-se um cheiro de assado, e uma mulher, junto ao fogão, frita bolinhos de carne. A cozinheira e a babá se beijam, sentam-se num banco com o homem de botões claros e põem-se a falar em voz baixa. Gricha, que está muito agasalhado, começa a sentir um calor insuportável e falta de ar.

— Por que será? — pensa, olhando ao redor.

Vê o teto escuro, um atizador com dois chifres, o fogão que escancara a bocarra negra...

— Mamãe! — choraminga ele.

— Ora, ora, ora! Grita a babá — Você pode esperar!

A cozinheira põe sobre a mesa uma garrafa, dois cálices e um empadão. As duas mulheres e o homem de botões claros fazem chocar-se os cálices e bebem diversas vezes, e o homem abraça ora a babá ora a cozinheira. Depois, os três começam a cantarolar.

Gricha arrasta-se em direção ao empadão e ganha um pedacinho. Come e vê como a babá vai bebendo... Gostaria de beber também.

— Me dá! Babá, me dá! — pede.

A cozinheira lhe dá para beber um pouco de seu cálice. Ele arregala os olhos, enruga o rosto, tosse e fica muito tempo agitando os braços, enquanto a cozinheira olha para ele, dando risada.

Voltando para casa, Gricha põe-se a contar à mamãe, às paredes e à casa, onde ele esteve e o que viu. Fala, usando a língua menos que o rosto e as mãos. Faz gestos, mostrando como brilha o sol, como correm os cavalos, como aparece o terrível fogão e como bebe a cozinheira...

À noite, não consegue adormecer. Os soldados com vassouras, os grandes gatos, os cavalos, o vidrinho, a gamela com laranjas, os botões claros — tudo se aglomerou num bloco e aperta-lhe o crânio. Vira-se de um lado para o outro, tagarela e, não suportando por fim aquela excitação, começa a chorar.

— Você está com febre! — diz a mãe, encostando a palma da mão em sua fronte — O que teria acontecido?

— Fogão — chora Gricha — vai embora daqui, fogão!

— Deve ter comido demais... — decide a mamãe.

E Gricha, que está sob o impacto de uma vida nova, recém conhecida, recebe de mamãe uma colherada de óleo de rícino.

Fantasiados¹

Autor - Anton Pavlovitch Tchekhov

Tradução de Lúcia Marusiakorizenco²

Revisão de Tanira Castro

Anoitece. Caminha pela rua uma multidão colorida, de bêbados vestidos com peles de carneiros ou jaquetas curtas. Risos, conversas, danças. Na frente, vai pulando um soldadinho bem pequeno, de capote velho e quepe decido sobre as orelhas. Um subtenente vem em sentido contrário à multidão.

— Você não me faz continência? — investe ele contra o soldadinho — Hein? Por quê? Espere! Quem é você? Que está fazendo aí?

— Mas, meu filho, nós estamos fantasiados! Diz o soldadinho com voz de mulher.

O subtenente e a multidão desatam a rir estrondosamente.

Sentada, num camarote de teatro, está uma mulher bonita e corpulenta. Seria difícil precisar-lhe a idade, mas é moça ainda e moça será por muito tempo mais... Está luxuosamente vestida: cada um de seus braços brancos ostenta um bracelete maciço; usa também um broche de diamantes. Ao lado, há uma estola de milhares de rublos. Espera-a no corredor um laçao com galões e, na rua, um par de cavalos negros e trenó guarnecido de pele de urso... Aquele rosto bonito, nutrido, e o ambiente parecem dizer: "Sou feliz e rica". Mas não creia, leitor! Sou uma fantasiada — pensa — amanhã ou depois de amanhã, o barão vai juntar-se a Nadine e tirar-me tudo isso...

À mesa de jogo está um gordão de fraque, com um queixo tríplice e mãos brancas. Perto dele, uma pilha de dinheiro. Está perdendo, mas não se aflige. Ao contrário, sorri. Certamente, não se incomoda de perder 1000 rublos, depois outros 1000. Na sala de jantar, alguns criados preparam-lhe ostras, champanha, faisão. Gosta de cear bem. Após a ceia, vai de carruagem à casa dela, que o espera. Leva uma vida boa, não é verdade? Tão feliz! Mas, vejam que bobagem está se remexendo em seu cérebro adiposo!

— Sou um fantasiado. Virá a comissão de controle e todos saberão que sou apenas um fantasiado!

35

No tribunal, um advogado defende a acusada... É uma mulher bonitinha, de rosto muito triste, inocente! Deus sabe que ela é inocente! Os olhos do advogado inflamam-se, suas faces abrasam-se, sentem-se lágrimas em sua voz... Está sofrendo pela acusada e, se a condenarem, ele vai morrer de desgosto! ... O público o escuta, fica estupefato, delicia-se com sua eloquência, gostaria de que ele falasse sem parar. "É um poeta" — murmuraram os ouvintes. Mas, ele apenas se fantasiou de poeta!

Se a parte acusadora me pagasse 100 rublos mais, eu liquidaria certamente a moça! — pensa — causaria maior efeito! No papel de acusador.

¹ Tradução adaptada do original russo *Karnaval (Fantasiados)* - conto de Anton Pavlovitch Tchekhov, extraído de *Povesti i Rasskazy v trii tomah (Novelas e Contos em três volumes)*, Moscou, Ed. Khudozhestvennai Literatury, 1959, vol. I, pág. 273-276. Trabalho individual apresentado para avaliação do Curso de Extensão em Língua Russa, nível VI.

² Costureira modista, aposentada, aluna do Curso de Extensão em Língua russa, promovido pelo Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras - UFRGS.

Duende Tagarela¹

Autor - Alexander Grin

Tradução de Luiz Danilo Coelho Martins²

Revisão de Tanira Castro

Contou-me esta história um duende numa velha casa abandonada:

"Nesta casa moravam marido e mulher. O marido chamava-se Filipe, e a esposa, Anna. Ela possuía vinte anos; ele - vinte e cinco. Ela se parecia muito com uma florzinha selvagem. Eu gostava também do marido, mas ela me agradava mais, porque ela não era apenas a anfitriã. Para nós, duendes, há um encanto naquilo que aproxima as pessoas a nós. Ela se esforçava para pescar com as mãos no arroio, golpeava uma grande pedra na encruzilhada e escutava, quanto tempo esta ressoava. Nisto há uma magia, um importante sinal de conhecimento de uma bela alma, mas somente nós, duendes, sabemos decifrar os seus sinais; as pessoas são incapazes.

— Anna! — gritou contente o marido, quando veio almoçar. Eles encontraram-se, de tal forma, como se fosse a primeira vez que se encontravam - ela correu para ele, e ele tomou-a nos braços.

Às noites ele tirava da mesa as cartas do seu amigo Ralf, com o qual passou parte de sua vida, até se casar, e lia em voz alta. E Anna escutava as palavras, há muito conhecidas, sobre o mar, sobre vulcões e pérolas, sobre tempestades e combates.

"Ele virá logo — falou Filipe, — ele estará conosco, quando o seu barco de três mastros "SINBAD" entrar em Gries. De lá somente uma hora de viagem pela estrada de ferro e uma hora da estação até nós."

Mas certa vez Anna interessou-se por alguma coisa da vida de Ralf; então, com entusiasmo, Filipe contou sobre sua coragem, generosidade e sobre o seu destino, semelhante a um conto.

Eu nunca ouvi eles discutirem. Eu nunca vi, ainda que fosse uma só vez, eles olharem friamente um para outro... "Eu quero dormir", dizia à noite Anna, e ele levava-a para a cama, acomodava-a e a envolvia, como a um bebê. Dormindo, ela falava: "Filipe, quem murmura nos céus das árvores? Quem anda pelo telhado? De quem é o rosto no arroio ao lado comigo?" Ele respondia: "A gralha caminha pelo telhado, o vento faz barulho nas árvores, as pedras brilham no riacho. Dorme."

Depois ele sentava-se à mesa, para terminar o próximo relatório; depois lavava-se, partia lenha e deitava-se para dormir. Ele adormecia em seguida e

imediatamente esquecia tudo que via no sonho. Ele nunca golpeou nenhuma pedra que estivesse na encruzilhada e que cantasse.

Certa vez, em um dia ensolarado, Filipe estava no trabalho e Anna voltava da estação, onde ela ia sempre fazer compras. Ela parou junto à sua pedra e, como sempre, a golpeou com a sua chave para que cantasse. Assim ela se divertia, e pensava que ninguém a via. Mas alguém saiu de trás da curva do caminho, aproximou-se dela e parou. Anna ainda ria, quando olhou para ele. Mas ela não tremeu e nem recuou - foi como se ele sempre estivesse ali.

Ele era moreno, muito moreno, e o mar deixou no seu rosto as marcas das ondas. Mas o rosto dele era formoso, pois refletia uma alma apaixonada e carinhosa. Os seus olhos escuros olhavam para Anna e tornavam-se ainda mais escuros e brilhantes, enquanto os olhos claros da mulher brilhavam humildemente.

A pedra há muito tempo já havia emudecido, e eles ainda olhavam um para o outro, sorrindo sem palavras. Então ele estendeu a mão, ela lentamente estendeu a sua, e as suas mãos uniram-se. Ele cuidadosamente pegou a cabeça dela e beijou-a nos lábios. Os olhos dela fecharam-se.

Depois eles separaram-se, e a pedra, como antes, os separou.

Vendo o marido, que se aproximava deles, Anna apressou-se em sua direção.

— Eis o Ralf — ele chegou! — disse ela.

De alegria Filipe nem pôde sequer gritar imediatamente, mas finalmente lançou o chapéu para cima, abraçou o forasteiro e gritou:

— Tu já viste Anna, Ralf? Esta é ela! Tu viverás conosco e nós te contaremos tudo.

Anna colocou a mão no ombro do marido e olhou para ele com seu olhar mais terno e puro; depois, sem alterar a expressão, olhou para o visitante, como se ambos fossem igualmente íntimos dela.

— Filipe, — disse Ralf, — eu confundi teu endereço e pensei que ia por outro caminho. Por isso não peguei comigo a bagagem. Mas eu agora mesmo vou buscá-la na estação. Eu já volto.

Eles puseram-se de acordo e separaram-se. Esperaram-no, mas Ralf não voltou.

E isso eu não compreendi. Talvez, tu pudesse me explicar o que aconteceu."

— Sim, — disse eu, cortesmente, ao despedir-me apertando a pata peluda do duende. — Somente nós, as pessoas, podemos decifrar os sinais do coração, os duendes não são capazes.

¹ Tradução adaptada do original russo - *O Duende Tagarela*, conto de Alexandre Grin (1880-1932). Texto extraído do livro - *A Pedra Quente*, 2ª ed., Moscou, Ed. Progresso, 1987, págs. 36-38. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação do Curso de Extensão de Língua Russa, em dezembro de 1999.

² Farmacêutico, aluno do Curso de Extensão em Língua Russa - UFRGS.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

O Avô Inverno Ivanovitch¹

Autor - Vladimir F. Odoievski

Tradução de Tanira Castro²

Era uma vez duas irmãs: a Habilidade e a Preguiçosa. Cuidava delas uma ama.

A Habilidade era uma menina inteligente: levantava-se cedo, vestia-se sem a ajuda da ama e começava a trabalhar - acendia o forno, amassava o pão, varria a casa, dava de comer ao galo e ia buscar água no poço.

Enquanto tudo isso fazia a Habilidade, a Preguiçosa ficava na cama, espreguiçando-se, virando-se de um lado para o outro e, quando já não agüentava mais a cama, dizia sonolenta: "Ama, me dá um pedaço de pão..."

Depois de se levantar, dava uns pulinhos e sentava-se à beira da janela a contar as moscas: quantas iam e quantas vinham. Após contá-las, a Preguiçosa já não sabia mais o que fazer: poderia voltar à cama, mas não lhe apetecia dormir; poderia comer, mas não tinha fome; poderia contar moscas, mas já estava farta disso. Sentada, coitadinha, chorava e queixava-se de todos por não ter nada que fazer, como se os outros fossem os culpados.

Nesse meio tempo, a Habilidade foi buscar água no poço e agora filtrava-a enchendo os jarros. E que engenhosa é: quando via a água pouco limpa, fazia um cartucho de papel, colocava nele carvão e areia grossa, colocava o cartucho no jarro e filtrava a água, que assim pingava no jarro, limpa como cristal. Depois, punha-se a tricotar meias ou a fazer a barra de lenços. Nunca sentia tédio, pois não tinha tempo para isso: trabalhava sempre em qualquer coisa e, para ela, o tempo passava depressa.

Mas certa vez, ocorreu uma desgraça à menina Habilidade: quando estava a tirar água do poço, a corda rebentou, e o balde caiu lá no fundo. Que fazer?

A pobre começou a chorar e foi contar a sua infelicidade à ama, que de tão zangada disse:

— A culpa foi tua. Deixaste cair o balde, agora arranja-te como quiseres.

Nada a fazer. A pobre Habilidade voltou ao poço, amarrou-se à corda do balde e desceu até o fundo. E aconteceu um milagre. Mal desceu, viu um forno com um bolo muito dourado e bem tostadinho. O bolo olhou para ela e disse:

— Estou pronto, dourado, cheio de açúcar e passas. Quem me tirar do forno irá comigo!

A menina Habilidade, sem pensar duas vezes, pegou a pá, tirou o bolo do forno, colocou-o debaixo do braço e continuou o seu caminho. Viu um jardim com uma macieira com maçãs douradas; as maçãs mexiam as folhas e diziam entre si:

— Somos maçãs suculentas, maduras. A raiz da macieira bebe água pura, quem abanar a macieira, pode levar-nos.

A menina Habilidade aproximou-se da árvore, abanou um ramo, e as maçãs douradas caíram-lhe no avental.

Continuou a andar. De repente, viu perante si o Avô Inverno - o Ded Moroz³, muito velhinho, muito branco. Estava sentado num banco de gelo e comia bolinhos de neve. Quando abanava a cabeça, dos seus cabelos caía geada. Quando respirava, da sua boca saía um espesso vapor.

— A, ah! — disse ele. — Viva, Habilidade! Obrigado por este bolinho. Há muito tempo que não comia nada quente.

Sentou-se a menina Habilidade a seu lado e comeram o bolinho e as maçãs douradas.

— Sei o que vieste fazer aqui — disse o Avô Inverno. — Deixaste cair o balde no meu poço. Dou-te o balde, mas terás de servir-me durante três dias. Se trabalhares bem, só ganharás com isso; mas se te mostrares preguiçosa, não te invejo a sorte. Agora — acrescentou o Avô Inverno, — preciso descansar. Faz-me a cama e bate bem o colchão.

A menina Habilidade obedeceu. Dirigiram-se para a casa do Avô Inverno, que era toda de gelo: as portas, as janelinhas e o chão. As paredes estavam enfeitadas com estrelinhas de neve; o sol iluminava-as, e toda a casa brilhava como diamantes. Na cama do Avô Inverno, havia neve fofa, em vez de colchão. Estava muito frio, mas não havia nada a fazer.

A menina Habilidade começou a amaciar a neve para que o velhinho dormisse confortavelmente, mas as mãos da pobrezinha congelavam e os dedos ficavam brancos como os das pessoas pobres que, no Inverno, lavam roupa branca na água gelada: faz muito frio, o vento corta o rosto, a roupa gela e endurecem, mas nada a fazer, os pobres têm de trabalhar.

— Não faz mal — disse o Avô Inverno —, esfrega os dedos com neve, não acontecerá nada. Sou um velho bondoso, olha que maravilhas tenho em casa.

Neste instante, o velho levantou o cobertor e o colchão de neve e a menina Habilidade viu que, sob o colchão, crescia erva verdinha. A menina teve pena da pobre erva.

— Dizes tu — observou ela — que és um velho bondoso, mas por que tens a erva verde coberta com o colchão de neve, por que não a deixas crescer?

— Não a deixo crescer porque ainda não chegou a sua hora, a erva ainda não tem força. Os camponeses a semearam no Outono, mas se ela furasse a terra agora e, se tivesse crescido muito, o Inverno a queimaria, e ela não chegaria ao Verão. Foi por

³ Ded Moroz, em português O Avô Inverno, que significa, no ocidente, Papai Noel.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

¹ Tradução adaptada do original russo *Morož Ivanovitch* (O Avô Inverno Ivanovitch), conto de Vladimir F. Odoievski (Moscou-1799, São Petersburgo-1837) - conhecido escritor russo do século passado um dos primeiros a escrever para crianças. Texto extraído do livro *Contos de Escritores Russos*, Moscou, Ed. Pravda, 1985, pág. 180-188.

² Tanira Castro - professor adjunto, chefe do Setor de Russo, Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

isso que cobri toda a erva nova com o meu colchão de neve e que neste me deitei para que o vento não a arrastasse. Mas quando chegar a Primavera, o colchão de neve vai derreter-se, e aparecerão as espigas e depois os grãos, que o camponês colhe e leva para o moinho. O moleiro mói o grão, obtendo a farinha e tu, menina Habilidade, farás pão com essa farinha.

— Diz-me, Avô Inverno — perguntou a menina Habilidade —, porque vives no poço?

— Vivo no poço porque a Primavera está a chegar — disse o Avô Inverno —, e começo a ter calor. E tu sabes que, no Verão, no poço está frio, por isso a água do poço é fresca, mesmo nos dias mais quentes.

— Avô Inverno, por que é que no Inverno andas pelas ruas e bates às janelas?

— Bato às janelas — respondeu o Avô Inverno — para que as pessoas não se esqueçam de acender o forno e de tapar a chaminé a tempo. Sei que há pessoas descuidadas que aquecem o forno, mas se esquecem; de tapar a chaminé ou não o fazem a tempo, quando há brasas, e a casa enche-se de fumo e as pessoas ficam com dores de cabeça e os olhos a arder, até podem morrer sufocadas. É por isso que bato às janelas, para que ninguém se esqueça de que há pessoas que têm frio no Inverno, que não têm roupas quentes, nem sequer dinheiro para comprar lenha. Bato às janelas para lembrar que essas pessoas devem ser ajudadas.

Aqui, o bom Avô Inverno afagou a cabeça da menina Habilidade e deitou-se para dormir na cama de neve.

Enquanto o Avô Inverno dormia, a menina Habilidade limpou a casa, fez o almoço e remendou a roupa do bom velhinho.

Quando o Avô Inverno acordou, ficou muito contente com tudo e agradeceu à menina Habilidade. Depois, sentaram-se ambos à mesa para almoçar, a comida estava uma delícia, principalmente o sorvete, preparado pelo próprio Avô Inverno.

Assim viveu a menina Habilidade três dias na casa do Avô Inverno.

No terceiro dia, o Avô Inverno disse à menina Habilidade:

— Obrigado, és uma menina muito inteligente, deste a mim, um velho, uma grande alegria, e quero recompensar-te. Como sabes, quem trabalha deve ser pago. Aqui tens o teu balde, onde encontrarás um punhado de moedas de prata; além disso, ofereço-te, como recordação, este brilhante para prenderes o lenço

A menina Habilidade agradeceu, prendeu o brilhante no seu lenço, pegou o balde encaminhou-se para o poço, agarrou-se à corda e subiu.

Quando estava já perto de casa, o galo, a quem ela dava sempre de comer, ficou muito contente por vê-la; subiu para o muro e cantou:

— Có-có-ró-có! A menina Habilidade tem um balde com moedas de prata!

Quando a menina Habilidade chegou em casa e contou tudo o que lhe tinha acontecido, a mãe ficou muito surpreendida e proferiu:

— Estás vendo, Preguiçosa, como as pessoas são recompensadas pelo seu trabalho! Vai tu, também, à casa do velho, trabalha para ele: arruma-lhe a casa, faz-lhe

a comida, remenda-lhe a roupa, e ganharás dinheiro, que muita falta faz para as festas de Ano Novo.

A Preguiçosa não tinha vontade nenhuma de ir trabalhar para o velho, mas queria ter também dinheiro e um alfinete de brilhante.

Seguindo o exemplo da menina Habilidade, a Preguiçosa foi ao poço, agarrou-se à corda e atirou-se ao fundo. De súbito, viu um forno com um bolinho muito dourado e tostadinho. Este olhou para ela e disse:

— Estou pronto, dourado, cheio de açúcar e passas. Quem me tirar do forno, irá comigo!

A Preguiçosa respondeu-lhe:

— Não querias mais nada? Não penso cansar-me. Ora! Agora ter de pegar a pá e de chegar-me ao forno! Se queres sair daí, sai, é tudo contigo.

Continuou a andar, e chegou a um jardim onde viu uma macieira com maçãs douradas maçãs que mexiam as folhas e diziam entre si:

— Somos maçãs suculentas, maduras. A raiz da macieira bebe água pura, quem abanar a macieira, pode levar-nos.

— Não quereis mais nada? — respondeu a Preguiçosa. — Não tenho vontade de me cansar, de levantar os braços e abanar os galhos... Apanho-vos quando caíres!

E a Preguiçosa não lhes ligou mais. Por fim, chegou à casa do Avô Inverno. O bom velhinho lá estava sentado no banco de gelo a comer bolinhos de neve.

— Que queres menina? — perguntou.

— Vim a tua casa para te servir e receber dinheiro pelo meu trabalho — respondeu a Preguiçosa.

— Disseste bem — concordou o velho —, o trabalho deve ser pago, mas primeiro quero ver como trabalhas. Vai bater o meu colchão de neve, depois faz o almoço e conserta-me a roupa.

A Preguiçosa começou a pensar pelo caminho: "Só faltava esta — cansar-me e congelar as mãos! Talvez o velho não note nada e adormeça no colchão assim como está."

Na realidade, o velho não notou ou fingiu que não notou, pois deitou-se e adormeceu. A Preguiçosa dirigiu-se à cozinha, mas não sabia fazer nada. Gostava muito de comer, mas não imaginava sequer como se cozinhava e nunca lhe dera para aprender a cozinhar. Viu a sua frente legumes, carne, peixe, vinagre e mostarda, tudo aos montes. Pensou, pensou, lavou alguns legumes, cortou a carne, o peixe, e para não se cansar muito, colocou tudo de qualquer maneira numa panela: os legumes, a carne, o peixe, a mostarda e até o vinagre. E pôs-se a pensar para consigo:

"Ora, valerá realmente a pena cozer tudo separadamente? No estômago mistura-se tudo."

O velho acordou e pediu o almoço. A Preguiçosa foi buscar a panela e colocou-a na mesa, que nem uma toalha tinha a cobri-la.

O Avô Inverno provou a comida e fez uma careta: ouvia-se como os seus dentes roíam grãos de areia.

— Cozinhas bem — observou, com um sorriso nos lábios. — Vejamos como te portas nos outros trabalhos.

A Preguiçosa também quis provar a comida, mas cuspiu imediatamente. O velho resmungou, mas depois fez um almoço tão gostoso, que a Preguiçosa até lambeu os beijos.

Depois do almoço, o velho, após lembrar à Preguiçosa que devia consertar a roupa, deitou-se de novo a descansar.

A Preguiçosa fez uma cara de desagrado, mas não tinha outra saída: tinha de começar a consertar a roupa. Contudo, aconteceu uma desgraça: nunca tinha perguntado como isso se fazia nem nunca tinha aprendido. Pegou numa agulha, picou-se e logo desistiu. O velho fez mais uma vez de conta que não tinha dado por nada, convidou a Preguiçosa para o jantar e deitou-a a dormir.

A Preguiçosa, encantada, pensou:

" — Pode ser que tudo corra bem. A minha irmã trabalha por gosto; o velho é bondoso e, se eu tiver sorte, também me oferecerá qualquer coisa."

No terceiro dia, a Preguiçosa foi ter com o Avô Inverno e pediu-lhe que a deixasse ir para casa e a recompensasse.

— Mas que fizeste tu? Onde está o teu trabalho? — perguntou-lhe o velho. — Se fizermos bem as contas, tu é que me deves pagar, porque fui eu que trabalhei para ti e não tu para mim.

— Como é isso? — exclamou a Preguiçosa. — Vivi três dias em tua casa.

— Sabes, menina — respondeu o velho —, quero dizer-te uma coisa: há uma diferença entre viver em casa de alguém e trabalhar em casa de alguém; lembra-te bem disso, pois vai fazer-te falta no futuro. A propósito, se não te pesa a consciência, eu recompenso-te: vou pagar-te pelo teu trabalho.

Dizendo isto, o Avô Inverno deu à Preguiçosa uma enorme barra de prata e um brilhante gigantesco.

A Preguiçosa ficou tão contente que pegou em ambas as coisas e, sem sequer agradecer ao velho, correu para casa.

Quando chegou em casa, começou a gabar-se.

— Olhem o que ganhei! Não sou como a minha irmã, que recebeu um punhado de tostões e um pequeno brilhante, a mim tocou uma barra de prata; olhai que pesada, e um brilhante quase do tamanho de um punho... Já posso comprar roupa nova para as festas de Ano Novo.

Mas não teve tempo de acabar de falar - a barra de prata derreteu-se e espalhou-se pelo chão. Não passava de mercúrio congelado pelo frio; nesse instante, o brilhante também começou a fundir-se. O galo saltou para o muro e gritou bem alto:

— Có-có-có-ró-có! A Preguiçosa ficou apenas com um bloco de gelo na mão!

E assim, pensem e observem o que nesta história é verdade e o que é mentira, quais as idéias corretas e as erradas, enfim, qual a moral da história.

Voam as aves de arribação¹

Autor - M. Isakovskii.

Tradução de Ronaldo Soares dos Reis²

Revisão de Tanira Castro

Voam as aves de arribação
Nas lonjuras outonais celestes.
Voam para os países tropicais,
Enquanto eu permaneço contigo.
Enquanto eu permaneço contigo,
Meu país natal para sempre!
Não me fazem falta as margens turcas,
E a África, também, não me faz falta.

Não foram poucos os países que conheci,
Quando caminhava com o fuzil na mão.
E não era mais amarga a minha tristeza,
Do que viver longe de ti.
Não foram poucas as vezes que pensei e cisme
Com os amigos nas longínquas fronteiras.
E não era maior o dever,
Do que cumprir a tua vontade.

Não importava que eu afundasse nos pântanos,
Não importava que eu congelasse no gelo,
Mas se tu me disseses uma palavra,
Eu realizaria tudo de novo.
Os meus desejos e esperanças
Eu amarrei para sempre a ti -
A tua severidade e clareza,
A tua sorte invejada.

Voam as aves de arribação
Que partiram em busca do verão.
Voam para os países quentes,

¹ Canção popular russa: letra de M. Isakovskii e música de M. Blanter, extraída do *Breve Manual de Língua Russa*, Nina Potapova, pág. 300-301. Trabalho individual apresentado para avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Matemática do Instituto de Matemática - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Mas eu não quero voar.

Eu restarei contigo,

Terra pátria minha!

Eu não necessito do Sol alheio,

A terra alheia não me faz falta.

ЛЕТЯТ ПЕРЕЛЕТНЫЕ ПТИЦЫ



Canção de Moscou¹

Autor - V. Gucev.

Tradução de Ronaldo Soares dos Reis²

Revisão de Tanira Castro

Como é bom na vastidão Moscovita!
Brilham as estrelas do Kremlin no azul celeste,
E assim, como os rios encontram-se no mar,
Assim encontram-se as pessoas em Moscou,
Dizendo palavras simples, ao nosso redor
Uma multidão de pessoas alegres.
Conhecemos e fizemos amizades
Nesta alegre noite de Moscou.

E não importa para que lado eu for,
Nem que caminho seguir,
O amigo eu jamais esquecerei,
Se a amizade iniciou em Moscou.

Não consigo esquecer os teus olhos claros
E as tuas palavras simples e carinhosas,
Não consigo esquecer as maravilhosas
Praças, travessas e pontes Moscovitas.
Em breve nos despediremos,
Soará o campainha do "Adeus"!
Lembre-se de mim com mais frequência
Além dos montes, bosques e campos.
As ondas de rádio através do frio e da fumaça
Chegarão mais rápido de Moscou.
A voz da longínqua Moscou me parecerá
A tua voz longínqua.
Mas eu sei que nos encontraremos em breve.
E então, minha querida, nós dois
Cantaremos novamente esta canção
Nas amplas vastidões de Moscou.

¹ Canção popular russa: letra de V. Gucev e música de T. Rhenninkov, extraída do *Breve Manual de Língua Russa*, Nina Potapova, pág. 301-303. Trabalho individual apresentado para avaliação da Disciplina LIT02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Matemática do Instituto de Matemática - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº8, p. 1-44, out-dez, 1999.

E não importa para que lado eu for,
Nem que caminho seguir,
O amigo eu jamais esquecerei,
Se a amizade iniciou em Moscou.

Canção Patriótica¹

Autor - V. Lebedev - Kumatcha.
Tradução de Ronaldo Soares dos Reis²
Revisão de Tanira Castro

Como é imenso o meu país natal,
Quantas florestas, campos e rios.
Eu não conheço outro país assim,
Onde tão livremente o homem pode respirar!
De Moscou até às mais longínquas fronteiras,
Das montanhas do sul até os mares do norte
O homem passa como senhor
De toda sua imensa pátria.
Por toda parte a vida é livre e ampla,
Exatamente como o imenso Volga que corre.
Jovens - aqui em toda parte há caminhos,
Anciões - em toda parte há respeito e consideração.
Como é imenso o meu país natal,
Quantas florestas, campos e rios.
Eu não conheço outro país assim,
Onde o homem pode respirar tão livremente!
É impossível ver os nossos campos somente com um olhar
É impossível lembrar de todas as nossas cidades,
Companheiro - temos orgulho de nossa palavra
Nos é muito cara toda a palavra bonita.
Para nós não existem negros nem brancos,
Com estas palavras em qualquer parte nos sentimos em casa,
E cada um sabe que
Com ele em qualquer lugar encontramos um amigo.
Como é imenso o meu país natal,
Quantas florestas, campos e rios.
Eu não conheço outro país assim,
Onde o homem pode respirar tão livremente!
Em nossa pátria o vento primaveril sopra,
É uma grande alegria viver cada dia

¹ Canção popular russa: letra de V. Lebedev - Kumatcha e música de I. Dunačvskii, extraída do *Breve Manual de Língua Russa*, Nina Potapova, pág. 303-305. Trabalho individual apresentado para avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Acadêmico em Matemática do Instituto de Matemática - UFRGS

E ninguém no mundo é capaz
De melhor que nós - rir e amar.
Mas severamente franzimos o cenho.
Se algum inimigo desejar nos destruir, -
Como a uma noiva, amamos a nossa pátria,
Cuidamos dela, como cuidamos de nossa querida mãe.
Como é imenso o meu país natal,
Quantas florestas, campos e rios.
Eu não conheço outro país assim,
Onde o homem pode respirar tão livremente!



Maria Morevna¹

Conto popular de autor desconhecido

Tradução de Tanira Castro²

Num certo reino, num certo império, vivia um rei e uma rainha que tinham um filho - o príncipe Ivan, e três filhas - a princesa Maria - a princesa Olga e a princesa Anna.

Os reis, quando sentiram a morte próxima, pediram ao filho Ivan que casasse rapidamente as três irmãs: que as casasse com quem primeiro pedisse a mão de cada uma delas. Os reis morreram. O príncipe Ivan acompanhou-os até à sepultura e depois, com o coração a sangrar de dor, foi passear um pouco pelo jardim, com as irmãs.

De repente uma nuvem escura toldou o céu: aproximava-se uma terrível tempestade!

— Vamos para casa, irmãs! — disse o príncipe Ivan.

Mal tinham entrado no palácio, quando estalou um enorme trovão. O teto abriu-se ao meio, e um falcão voou pelo salão adentro. Bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Bom dia, príncipe Ivan — disse o jovem. — Vim muitas vezes a tua casa como convidado, mas hoje venho como pretendente. Porque pretendo pedir a mão da princesa Maria.

— Se minha irmã assim o quiser, não serei eu a dizer que não: ela pode casar-se contigo, e que Deus abençoe essa união — disse o príncipe Ivan.

Como a princesa Maria concordou, o falcão casou-se com ela e levou-a para o seu reino.

E os dias seguiram-se aos dias, as horas seguiram-se às horas e um ano inteiro assim se passou.

Andava um dia o príncipe Ivan a passear no jardim com as suas duas irmãs, quando de novo uma nuvem negra escureceu o céu; viu-se um relâmpago e um vento terrível começou a soprar.

— Vamos embora, irmãs! — disse o príncipe Ivan.

¹ Tradução adaptada do original russo *Maria Morevna*, de autor desconhecido. Texto extraído do livro — *Contos Populares Russos*, Moscou, Ed. Pravda, 1985, págs. 236 — 247.

² Tanira Castro — professor adjunto, chefe do Setor de Russo, Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mal tinham entrado no palácio, quando rebentou um enorme trovão. O teto abriu-se ao meio, e uma águia voou pelo salão adentro. Bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Bom dia, príncipe Ivan — disse o jovem. — Vim muitas vezes a tua casa como convidado, mas hoje venho como pretendente.

E pediu a mão da princesa Olga.

— Se a princesa Olga assim o quiser, podes levá-la como tua mulher — disse o príncipe Ivan. — Ela é livre de fazer como entender.

Como a princesa Olga concordou, a águia casou-se com ela e levou-a para o seu reino. Outro ano se passou, e um dia o príncipe Ivan disse à sua irmã mais nova:

— Vem comigo, irmãzinha! Vamos dar uma volta pelo jardim!

Deram um passeio pelo jardim e de novo uma nuvem negra cobriu o céu, um relâmpago soou, e o vento começou a soprar.

— Vamos para casa, irmã! — disse o príncipe Ivan.

Chegaram a casa e, antes de terem tido tempo de se sentarem, rebentou um trovão, o teto abriu-se ao meio, e um corvo voou pelo salão adentro. Bateu no chão e transformou-se num jovem ainda mais belo do que os outros dois anteriores.

— Vim muitas vezes a tua casa como convidado, mas hoje venho como pretendente — disse ele. — Deixa-me casar com a princesa Anna!

A minha irmã é livre de fazer o que entender — disse o príncipe Ivan. — Se ela gostar de ti, pode casar contigo.

Como a princesa Anna concordou, o corvo casou com ela e levou-a para o seu reino. E o príncipe Ivan ficou só. E durante um ano viveu sozinho, cheio de saudades das irmãs.

— Vou procurar minhas irmãs... — disse ele certa vez.

Pôs-se então a caminho. Andou, andou até que chegou a um campo onde se deparou com um exército de soldados completamente destruído por alguma terrível batalha.

— Se houver aqui alguém vivo, que me responda! — gritou o príncipe. — Quero saber quem é que conseguiu vencer este exército inteiro. E o único homem vivo disse:

— Este exército inteiro foi vencido por Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas.

O príncipe Ivan continuou o seu caminho. Chegou então junto de um acampamento de tendas muito brancas e aí encontrou Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas, que veio ao seu encontro:

— Bom dia, príncipe! — disse ela. — Diz-me para onde vais e se vais por tua livre vontade ou porque alguém te mandou.

O príncipe Ivan respondeu:

— Os homens fortes de espírito só agem por sua livre vontade!

— Então, se não tens muita pressa, aceita a minha hospitalidade e descansa um pouco na minha tenda. O príncipe Ivan aceitou com prazer o convite. E durante dois dias e duas noites foi hóspede de Maria Morevna. E tanto gostaram um do outro

que ali se tornaram marido e mulher. E Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas, levou o príncipe Ivan para o seu reino. Viveram juntos durante algum tempo até que chegou um dia em que Maria Morevna decidiu de novo partir, para a guerra. Deixou o palácio e tudo o que nele havia aos cuidados do príncipe Ivan e, apontando para uma porta fechada a cadeado, disse-lhe:

— Podes andar por toda parte, entrar em todas as salas do palácio e cuidar de tudo. Mas só te peço que não entres neste quarto!...

Mas a curiosidade do príncipe Ivan foi mais forte que ele e, mal Maria Morevna saiu, correu logo a abrir a porta proibida. Olhou para dentro do quarto e descobriu o Cafrei Imortal — o bruxo, amarrado à parede por doze fortes correntes. O Cafrei Imortal, vendo o príncipe Ivan, pediu-lhe:

— Dá-me água, príncipe Ivan! Tem dó de mim! Há dez anos que aqui estou preso e grande tem sido o meu sofrimento. Não tenho tido nada para comer nem para beber durante todo esse tempo, e a minha garganta está seca e queimada.

O príncipe Ivan deu-lhe um balde de água para beber. O Cafrei bebeu tudo e pediu mais:

— Um balde só não chega, dá-me outro!

O príncipe Ivan deu-lhe um segundo balde. O Cafrei bebeu-o de uma só vez e pediu um terceiro. Quando acabou de o beber, voltaram-lhe as forças e, abanando os braços com raiva, quebrou as doze correntes.

— Obrigado, príncipe Ivan — disse ele. — E aqui te juro: não voltarás a ver Maria Morevna! Tão certo como não seres capaz de olhar de frente para as tuas orelhas. Voou pela janela como um turbilhão, encontrou no caminho Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas, e levou-a consigo.

O príncipe Ivan chorou durante muito tempo. E depois decidiu partir em busca de Maria Morevna.

— Aconteça o que acontecer, hei de encontrá-la! — disse o príncipe Ivan.

Passou-se um dia e mais outro dia e, ao amanhecer do terceiro dia, o príncipe Ivan viu um belo palácio à sua frente. Junto do palácio havia um carvalho e num dos seus ramos estava um falcão. O falcão levantou vôo, bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Meu querido cunhado, como estou contente de te ver! — exclamou ele. — Como tens passado?

Nessa altura a princesa Maria saiu a correr do palácio. Abraçou o irmão, cheia de alegria, perguntou pela sua saúde, contou-lhe como vivia ali e em que passava o tempo.

O príncipe Ivan ficou três dias com eles e depois disse:

— Não posso aqui ficar mais tempo. Tenho de ir procurar Maria Morevna, minha mulher e a mais bela de todas as rainhas!

— Não vai ser fácil encontrá-la — disse-lhe o falcão. — Mas deixa-nos a tua colher de prata: ao olharmos para ela, pensaremos em ti.

O príncipe Ivan deu ao falcão a sua colher de prata e pôs-se a caminho.

Caminhou durante um dia e mais outro dia e, ao entardecer do terceiro dia, viu diante de si um palácio ainda mais belo que o do falcão. Junto dele havia um carvalho, e num dos seus ramos estava uma águia. A águia levantou vôo, bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Vem cá, princesa Olga! — gritou. — O teu irmão está aqui!

A princesa Olga veio correndo de dentro do palácio. Beijou o príncipe Ivan, perguntou pela sua saúde e disse-lhe como vivia ali e o que fazia.

O príncipe Ivan passou três dias com eles e depois disse-lhes:

— Não posso ficar mais tempo aqui. Tenho de procurar Maria Morevna, minha mulher e a mais bela de todas as rainhas.

— Não vai ser fácil encontrá-la — respondeu a águia. — Mas deixa-nos o teu garfo de prata: ao olharmos para ele, pensaremos em ti.

O príncipe Ivan deixou-lhes o garfo de prata e pôs-se a caminho. Caminhou durante um dia e mais outro dia e, ao amanhecer do terceiro dia, viu diante de si um palácio que conseguia ultrapassar em beleza e esplendor os outros dois.

Junto do palácio havia um carvalho e num dos seus ramos estava um corvo. O corvo levantou vôo, bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Vem depressa, princesa Anna! — gritou ele. — O teu irmão está aqui!

A princesa Anna veio correndo de dentro do palácio. Abraçou o príncipe Ivan, beijou-o, cheia de alegria, e contou-lhe como vivia ali e o que fazia.

O príncipe Ivan passou três dias com eles e depois disse-lhes:

— Adeus! Tenho de procurar Maria Morevna, minha mulher e a mais bela de todas as rainhas.

— Não vai ser fácil encontrá-la — disse o corvo. — Mas deixa-nos a tua caixa prateada de rapé: ao olharmos para ela, pensaremos em ti.

O príncipe deu ao corvo a sua caixa prateada de rapé e, despedindo-se dele e da princesa Anna, pôs-se a caminho. Passou um dia e mais outro dia e, ao chegar o terceiro dia, encontrou Maria Morevna.

Ao vê-lo, Maria Morevna lançou-lhe os braços ao pescoço, começou a chorar e disse:

— Ah, príncipe Ivan, por que não me deste ouvidos? Por que libertaste o Cafrei?

— Perdoa-me, Maria Morevna, e não me queiras mal — suplicou o príncipe Ivan. — Vem comigo, enquanto o Cafrei Imortal não se avista em parte alguma!

Os dois prepararam-se para a viagem e puseram-se a caminho. Enquanto isso o Cafrei estava fora, caçando e era já noite quando decidiu regressar ao seu castelo. Mas a uma dada altura, o cavalo em que seguia tropeçou.

— Por que tropeças, velho monte de ossos? — disse ele. — Será que pressentes alguma desgraça?

E o cavalo respondeu:

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou consigo Maria Morevna.

— Será que conseguiremos apanhá-lo?

— Se agora semeássemos trigo e esperássemos que ele amadurecesse; e o ceifássemos e o transformássemos em farinha; se cozêssemos três fornos cheios de pão e não partíssemos antes de o termos comido todo — mesmo assim ainda o apanharíamos.

Então o Cafrei Imortal lançou-se a galope no seu cavalo e apanhou o príncipe Ivan.

— Por esta vez te perdoo — disse ele — porque foste bom para mim e me deste água para beber. Talvez até te perdoe uma segunda vez. Mas se me provocares uma terceira vez, tem cuidado! Porque te farei em mil pedaços!

Foi-se embora o velho Imortal, levando Maria Morevna. O príncipe Ivan sentou-se numa pedra à beira do caminho e chorou durante muito tempo. Depois limpou as lágrimas e voltou a casa do Cafrei.

Tal como da outra vez, o Cafrei não estava.

— Vem comigo, Maria Morevna! — disse o príncipe Ivan.

— Ah, príncipe Ivan! O Cafrei vai apanhar-nos de novo!

— Deixa-o! Pelo menos passaremos uma ou duas horas juntos.

Prepararam-se então para a viagem e puseram-se a caminho. Lentamente, o Cafrei regressava a casa. De repente o seu cavalo tropeçou no caminho.

— Por que tropeças, velho monte de ossos? Será que pressentes alguma desgraça? — perguntou o velho Imortal.

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou Maria Morevna.

— Conseguiremos apanhá-lo?

— Se semeássemos cevada e esperássemos que amadurecesse; se a ceifássemos e com ela fizéssemos cerveja; se a bebêssemos até tombar de bêbados e só partíssemos depois de a bebedeira ter passado — mesmo assim ainda o apanharíamos.

Então o Cafrei lançou-se a galope no seu cavalo e apanhou o príncipe Ivan.

— Disse-te que nunca mais verias Maria Morevna, tão certo como não seres capaz de olhar de frente para as tuas orelhas — disse-lhe o Cafrei, arrancando Maria Morevna dos braços do príncipe Ivan e levando-a consigo.

O príncipe Ivan ficou sozinho e chorou durante muito tempo. Depois voltou de novo a procurar Maria Morevna. E mais uma vez o Cafrei Imortal não estava em casa.

— Vem comigo, Maria Morevna! — disse o príncipe.

— Ah, príncipe Ivan, ele vai apanhar-nos e há de fazer-te em mil pedaços!

— Deixa-o! Não posso viver sem ti.

Preparam-se então para a viagem e puseram-se a caminho. Entretanto o Cafrei aproximava-se de casa e a uma dada altura o cavalo voltou a tropeçar.

— Por que tropeças? Será que pressentes alguma desgraça?

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou consigo Maria Morevna.

Imediatamente o Cafrei galopou em perseguição do príncipe Ivan. Apanhou-o, cortou-o em pedaços, colocou-os todos num barril untado de alcitrão, rodeou-o de aros de ferro e atirou-o ao mar. E voltou a levar Maria Morevna para o seu castelo.

Precisamente nessa altura os objetos de prata que o príncipe Ivan deixara aos seus cunhados perderam todos o brilho e ficaram negros.

— O príncipe Ivan deve ter encontrado grande desgraça pela frente — murmuraram eles.

Então a águia voou por sobre o mar azul, agarrou no barril e levou-o até à margem. O falcão voou depois em busca da Água da Vida e o corvo em busca da Água da Morte — e ambos se encontraram no exato local onde a águia os esperava. Quebraram o barril, tiraram os pedaços em que o corpo do príncipe Ivan tinha sido partido, lavaram-nos e colocaram-nos uns aos lados dos outros. O corvo salpicou-os com a Água da Morte e eles tornaram-se a juntar. Depois o falcão salpicou-os com a Água da Vida e logo o príncipe Ivan estremeceu e se pôs em pé num salto.

— Que grande sonho dormi! — exclamou ele.

— E ainda mais dormirias se não fôssemos nós — disseram-lhe os cunhados. — E agora vem conosco.

— Não, meus irmãos, tenho de procurar Maria Morevna.

E de novo ele voltou ao castelo do Cafrei. E de novo aí a encontrou. Atirou-se a jovem ao pescoço do marido, chorando:

— Como é que voltaste à vida? Deus deve ter-te protegido!

O príncipe contou a Maria Morevna o que lhe tinha acontecido e pediu:

— Tenta saber do Cafrei onde foi que ele arranjou um cavalo assim tão bom.

Maria Morevna aguardou uma ocasião propícia e então perguntou ao Cafrei Imortal onde tinha ele encontrado o seu cavalo. E o Cadrei respondeu:

— Multiplicando esta terra por três e depois por nove, num reino distante deste três vezes e mais dez, vive a bruxa — Baba-Yaga. A sua casa fica bem no meio da floresta, para lá do Rio das Chamas. Ela tem magníficas éguas, entre as quais aquela em que ela própria voa todos os dias pelo mundo inteiro. Eu cuidei da manada dela durante três dias e, em paga, ela deu-me um potro.

— E como conseguiste atravessar o rio das Chamas?

— Com a ajuda do meu lenço mágico. Bastou-me acená-lo por três vezes, com a minha mão direita, para que uma enorme ponte se erguesse à minha frente, tão alta que nenhuma chama a conseguiu atingir.

Maria Morevna escutou com muita atenção e passou as informações ao príncipe Ivan. Conseguiu também pegar o lenço mágico do Cafrei e o entregou ao príncipe.

O príncipe Ivan atravessou o Rio das Chamas e dirigiu-se à casa da Baba-Yaga, a bruxa. Caminhou durante muito tempo sem ter nada para beber nem para comer. De repente aproximou-se dele uma estranha ave, acompanhada pela sua ninhada.

— Acho que vou comer um destes pássaros! — pensou Ivan.

— Por favor, príncipe Ivan, não toques na minha ninhada! — pediu a ave, em tom suplicante. — Quem sabe se ainda um dia não virás a precisar de mim?

O príncipe Ivan andou mais um pouco e encontrou uma colméia.

— Acho que vou comer um pouco deste mel — disse ele.

— Não toques no meu mel, príncipe Ivan — pediu a rainha das abelhas. — Quem sabe se ainda um dia não virás a precisar de mim?

O príncipe Ivan continuou o seu caminho até que viu um leão que parecia vir ao seu encontro com a sua cria.

— Acho que vou comer a cria — disse o príncipe Ivan. — Estou morrendo de fome!

— Por favor, príncipe Ivan, não toques na minha cria — pediu a leoa em tom suplicante. — Quem sabe se ainda um dia não virás a precisar de mim?

— Pronto, seja como tu queres.

E prosseguiu o seu caminho, cada vez com mais fome, até que chegou a casa da bruxa — Baba-Yaga. A casa era rodeada por doze estacas e todas, menos uma, tinham no alto uma cabeça humana.

— Bom dia, vovozinha!

— Bom dia, príncipe Ivan! O que queres tu por aqui?

— Venho servir-te, e espero que em paga do meu serviço me dês depois um dos teus magníficos corcéis.

— De acordo, príncipe Ivan. Vais servir-me não durante um ano mas durante três dias. Se conseguires manter as minha éguas em segurança, dou-te um belo cavalo como recompensa. Mas se não conseguires, a tua cabeça irá parar no alto da estaca que ainda está vazia — e a culpa será tua.

O príncipe Ivan concordou. Baba-Yaga deu-lhe de comer e de beber, e disse-lhe que comesse a trabalhar.

O príncipe Ivan levou as éguas para a pastagem mas logo elas, erguendo as caudas, galoparam pelo prado afora. E em menos de um ai, o príncipe perdeu-as de vista.

O príncipe chorou e lamentou a sua sorte, sentou-se numa pedra e adormeceu. Já o sol se tinha escondido lá por traz da floresta quando viu aproximar-se a ave a quem ele tinha poupado o filho.

— Acorda, príncipe Ivan! — disse ela. — As éguas já voltaram todas aos seus estábulos!

O príncipe Ivan regressou a casa e lá estava Baba-Yaga a ralar as suas éguas:

— Por que voltaram para casa? — perguntava-lhes.

— Que outra coisa podíamos fazer? Pássaros de todos os cantos do mundo apareceram a voar sobre as nossas cabeças e por pouco não nos arrancavam o olhos!

— Bom, então amanhã não corram pelo prado: amanhã escondam-se na floresta.

O príncipe Ivan dormiu toda a noite e acordou ao sentir que Baba-Yaga estava de pé a seu lado:

— Já é manhã e mais que tempo de leares as éguas a pastar — disse ela. — E lembra-te: se perderes uma só égua que seja a tua cabeça irá parar ao cimo daquela estaca que ainda está vazia.

O príncipe Ivan levou as éguas a pastar mas logo elas, erguendo as caudas, correram e desapareceram na floresta. Ele chorou, lamentou a sua sorte, sentou-se numa pedra e adormeceu.

O sol já se tinha escondido quando a leoa chegou correndo junto dele e disse:

— Acorda, príncipe Ivan! — gritou ela. — As éguas voltaram já todas aos seus estábulos!

O príncipe Ivan regressou a casa e lá estava Baba-Yaga ralhando com suas éguas:

— Por que voltaram para casa? — perguntava-lhes.

— Que outra coisa podíamos fazer? As feras mais ferozes dos quatro cantos do mundo rodearam-nos e por pouco não nos fizeram em mil pedaços!

— Bom, então amanhã é melhor que se escondam no mar.

O príncipe Ivan dormiu a noite toda e de manhã Baba-Yaga mandou-o levar de novo as éguas à pastagem.

— Lembra-te: se perderes uma só que seja, a tua cabeça irá parar ao cimo da única estaca que ainda está vazia.

O príncipe Ivan levou as éguas à pastagem mas logo elas, erguendo as caudas, desapareceram da sua vista. Lançaram-se no mar azul e só as suas cabeças se avistavam.

O príncipe Ivan chorou, lamentou a sua sorte, sentou-se numa pedra e adormeceu.

O sol já se tinha escondido para lá da floresta quando a rainha das abelhas chegou junto dele para dizer:

— Acorda, príncipe Ivan! — gritando. — As éguas voltaram já todas aos seus estábulos. Mas atenção: quando regressares a casa não deixes que Baba-Yaga te veja. Vai imediatamente ao estábulo e esconde-te atrás da manjedoura. Lá encontrarás um potro a revolver-se no esterco. Tira-o de lá no meio da noite e monta nele.

O príncipe Ivan foi até à casa da Baba-Yaga. Esgueirou-se até o estábulo e deitou-se atrás da manjedoura. E lá estava Baba-Yaga, ralhando com as suas éguas:

— Por que é que voltaram para casa?

— Que outra coisa poderíamos fazer? Enxames de abelhas dos quatro cantos do mundo voaram sobre as nossas cabeças e picaram-nos a todas.

Baba-Yaga, muito zangada, foi para a cama e adormeceu.

Ao bater a meia-noite, o príncipe Ivan selou e aprontou o mais sarnento dos potros, saltou para cima dele e foi a caminho do Rio das Chamas. Ao chegar acenou três vezes o lenço mágico com a mão direita e logo diante de si, atravessando rio, ergueu-se uma ponde magnífica. O príncipe Ivan atravessou-a, acenou depois o lenço duas vezes com a mão esquerda, e logo a ponte se transformou noutra, mas esta muito pequena e estreita.

Quando amanheceu Baba-Yaga acordou e, vendo que o potro tinha desaparecido, lançou-se imediatamente em sua perseguição. Ela voava com a

velocidade do vento dentro do seu almofariz de ferro, usando o pilão como chicote e apagando o rasto atrás de si com a sua vassoura.

Vouu até o Rio das Chamas e, vendo a ponte, decidiu atravessá-la. Mas quando chegou ao meio a ponte quebrou-se e ela caiu no Rio de Chamas e morreu.

O príncipe Ivan levou o potro a pastar nos mais verdes prados, quando ele cresceu transformou-se num belo e forte corcel. Então ele selou-o e pôs-se a caminho do castelo do Cafrei Imortal.

Ao vê-lo, Maria Morevna saiu a correr de dentro do palácio e lançou-lhe os braços ao pescoço.

— E agora vem comigo! — disse o príncipe Ivan.

— Tenho medo, príncipe Ivan! Se o Cafrei nos apanha, vai de novo fazer-te em pedaços!

— Desta vez ele não nos apanha porque o meu cavalo é mais veloz do que o vento.

Montaram ambos no corcel e partiram.

O Cafrei tinha passado o dia fora, caçando, e regressava lentamente a casa. Foi então que o cavalo tropeçou.

— Por que tropeças, velho monte de ossos? — perguntou o velho. — Será que pressentes alguma desgraça?

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou consigo Maria Morevna.

— Conseguiremos apanhá-los?

— Quem o poderá saber? O príncipe Ivan tem agora um cavalo tão ou mais rápido do que eu...

— Isso não irá deter-me! — gritou Cafrei. — Irei atrás deles!

Se passou muito tempo ou se passou pouco, isso ninguém sabe ao certo — sabe-se apenas que apanhou o príncipe Ivan e, saltando para o chão, tentou trespassá-lo com a sua espada. Mas antes que pudesse fazê-lo, o cavalo do príncipe Ivan deu-lhe um coice com tanta força que lhe esmagou a cabeça. E o príncipe Ivan logo ali acabou com ele, espancando-o com o seu cajado.

Depois disso o príncipe Ivan fez uma fogueira e nela queimou o corpo do Cafrei Imortal lançando ao vento as suas cinzas.

Maria Morevna montou então o cavalo do Cafrei, o príncipe Ivan montou o seu, e puseram-se a caminho. Foram primeiro visitar o corvo, o falcão e a águia, que os receberam com grande alegria.

— Ah, príncipe Ivan, já tínhamos perdido a esperança de voltar a ver-te! — disseram. — Mas por muito que tivesses sofrido, tudo valeu a pena. Porque, mesmo que tivesses percorrido o mundo inteiro, não terias encontrado noiva mais bela do que Maria Morevna!

O príncipe Ivan e Maria Morevna participaram em muitas festas dadas em sua honra e depois regressaram ao seu reino.

E aí viveram com muita saúde e prosperidade durante muito anos: nunca souberam o que era a fome, nunca souberam o que era a miséria, e nunca lhes faltou um copo de cerveja ou uma taça de hidromel....

... e a sua importância para a sociedade. A educação é um dos pilares da civilização e, portanto, deve ser valorizada e promovida. A escola é o espaço onde o conhecimento é transmitido e a formação do cidadão é realizada. É importante que a escola seja um ambiente acolhedor e estimulante, onde os alunos possam aprender de forma significativa e desenvolver suas habilidades e competências. A educação é um processo contínuo e a escola deve estar sempre atualizada e em constante diálogo com a sociedade. A formação do professor é fundamental para a qualidade da educação e, portanto, deve ser priorizada. A escola deve ser um espaço de aprendizagem para todos, onde cada aluno seja respeitado e valorizado. A educação é um direito de todos e, portanto, deve ser garantida a todos os cidadãos. A escola é o espaço onde a educação é realizada e, portanto, deve ser valorizada e promovida. A formação do cidadão é o objetivo principal da educação e, portanto, deve ser o foco de todas as ações educacionais. A escola deve ser um ambiente onde os alunos possam aprender de forma significativa e desenvolver suas habilidades e competências. A educação é um processo contínuo e a escola deve estar sempre atualizada e em constante diálogo com a sociedade. A formação do professor é fundamental para a qualidade da educação e, portanto, deve ser priorizada. A escola deve ser um espaço de aprendizagem para todos, onde cada aluno seja respeitado e valorizado. A educação é um direito de todos e, portanto, deve ser garantida a todos os cidadãos.